

do pejejado contem
Sr. Antão Azevedo, de

Ray de Brasil

maior 20.4.901

A ESMO

Porto — Imprensa Moderna



Rauy de Sevede

RAUL D'AZEVEDO

869.96
A9942

GRM
869.96
A9942

A ESMO

(PAGINAS DIVERSAS)



À venda na livraria Chardron
DE LELLO & IRMÃO
Porto. 1903

REGISTRO SETORIAL

SEÇÃO DE AUTORES MAHANNENSES

Número 733

Data 14/10/1971

OBRAS DO AUCTOR

Publicadas :

<i>Artigos e Chronicas</i>	I volume
<i>Ternuras, contos</i>	I »
<i>Na Rua, estudos litterarios</i>	I »
<i>Doutor Renato, romance</i>	I »
<i>Homens e livros, critica</i>	I »
<i>A esmo</i>	I »

Em preparação :

<i>Triplíce Alliança, romance</i>	I »
---	-----

Ao leitor:

As paginas que se seguem foram publicadas em jornaes e revistas litterarias do meu Paiz. Escriptos estes trabalhos em datas differentes, não obedeceram a um plano de antemão traçado. Foram artigos feitos de momento, para gazetas ou revistas de Arte, sem grandes preoccupações litterarias. E hoje, se estão enfeixados em livro, devo tal generosidade — que outro nome não tem, — aos meus velhos amigos os snrs. Lello & Irmão, que o editaram.

A ESMO, — o titulo despensa outras explicações, — tem defeitos, tem senões: é, porém, um livro sincero.

Brasil — Manaos, 1904.

R. A.

Ao

SENADOR ANTONIO LEMOS

apreço e estima.

Súmíte materiam vestris atequam
véribus...

HORACIO.

PRIMEIRA PARTE

AO AMIGO DR. FILETO PIRES

JORNAES E JORNALISTAS

Maio de 1901, Manaus

MEU CARO MARQUES DE CARVALHO

Foi aquelle grande romancista francez nascido em Tours e morto em 1850 em pleno Paris, o auctor celebre da *Physiologie du mariage* e o mestre indiscutivel de *Eugénie Grandet* — Honoré de Balzac, quem teve um dia esta phrase amarga e desoladora: se os jornaes não existissem, não seria preciso invental-os...

Estas palavras talvez fôssem ditas n'um momento de colera, talvez quando alguns d'esses mesmos jornaes abocanhasse a obra gloriosa do escriptor de além, no odio e na inveja vulgares que não são uma intenção da imprensa, porque pertencem ao homem, desde que o mundo é mundo.

Certo que a jornaes e jornalistas se deve, n'estes seculos de progresso e de evolução, uma boa parte das reformas de hoje, uma somma larga de beneficios e vantagens, muita vez a victoria do direito e da justiça. Certo tambem, — sejamos justos e imparciaes, — que a imprensa com o seu poder absoluto não raro ampara causas ingratas, explorações immoraes, campanhas inglorias e despreziveis.

Mas, quem como eu ainda se enfileira entre os jornalistas crentes e tem um ideal puro e honesto, comparando o bem e o mal que esta mesma imprensa tem feito, não vacillará em affirmar lealmente que a obra benefica e digna está superior á cobarde e á mesquinha.

Jornaes e jornalistas ha por ahi ás centenas, aos milhares. No nosso paiz raro é o Estado que não tem gazetas a granel. Mas verdadeiramente, jornaes e jornalistas temos poucos, uma cifra d'uma ridicularia pasmosa.

Eu comprehendo merecer este titulo barateado de jornalista quem saiba fazer uma folha do começo ao fim; quem lance um editorial vibrante analysando o facto do dia com a mesma facilidade e precisão com que estude a politica européa, á chegada dos telegrammas; quem dê o écho e o boato de occasião com uma finura de Mestre, faça a chronica ligeira, leve, no alto, a de arte, inspeccione attento o noticiario,

tirando d'aqui um adjectivo e collocando alli uma ironia, dirigindo as secções desde a de maior responsabilidade até a mais insignificante, escripta para o riso e para a galhofa, e administrando, vigilante e sagaz, a parte material da folha, a artistica, dispondo os trabalhos com felicidade e gosto pelas quatro paginas do jornal, porque—digamos a grande verdade,—a gente começa a seduzir, a ganhar, a prender o leitor pela disposição material da folha, pela sua feitura artistica...

E você, meu amigo, é jornalista como eu entendo,—d'aquelles que têm o segredo de fazer leitores.

A imprensa de hoje revoluciona, derrue ministerios, abala thronos, faz situações do dia para a noite. Na Inglaterra, onde ella é uma potencia, como na França, á frente jornalistas experimentados, homens de educação solida e liberal, alheios a questiunculas de campanario, tem feito verdadeiras apotheoses, e nada se faz sem a sua opinião.

De resto, a imprensa é necessaria sempre ao sabio como ao artista, ao padre como ao industrial.

E' a imprensa, disse um dia Fialho de Almeida n'uma pagina feliz, que reforça e purifica a voz da opinião—essa complexa voz feita do rumor de todas as aldeias e cidades—com a

sua tuba de bronze que fustiga as torpezas, tetanisa as consciencias, dá aos governos força, expurga do mando os nomes conspurcados, e exalta os martyres, recompensa os trabalhadores, e crystallisa em bronze, ao centro das praças, a memoria de todos os que d'alguma fórma souberam cumprir o seu dever!

O que é preciso, o que é imprescindivel, é o jornalista ter criterio e grammatica. Já dizia mesmo um amigo meu que era necessario mais criterio que grammatica...

Infelizmente, para mal do paiz, na maioria dos nossos jornaes — as excepções são tão poucas... — triumphava sempre a politicagem barata e ridicula, sem ideal, pois que é d'um pessoalismo atroz, barbaro e enfasiador, porque o leitor nada tem absolutamente com as questiunculas do individuo *A* com o individuo *B*, com as tergiversações politicas do amanuense José ou as maroteiras do commendador Antonio.

A descompostura soez, a calumnia esfarrapada, o insulto da marafona vulgar, o atassalhamento do Lar, não raro nodôam paginas que mereciam e reclamavam campanhas sociaes, polemicas elevadas e nobres, o estudo d'uma epocha ou a solução d'um problema de momento.

Trabalhar sincera e honestamente pela Patria, e pelo povo, sem mercadejar ao balcão,

sem explorar na mais reles das *chantages* os factos do dia, tendo um ideal sério e digno, — eis ahí um roteiro que, certo, nenhum jornalista bem intencionado desprezará.

Já dizia Horacio, — *bis repetita placent*. E é por isto que n'esta pobre carta-aberta estou a repisar idéas sabidas e intimas de quem me lê.

O jornalista n'este Brazil pouco intellectual, apesar de todos aos dezoito annos cantarem em versos alambicados os olhos verdes da menina Maria e os cabellos pretos da senhorita Luiza, — o jornalista, dizia, não tem ainda em nossa Patria o logar que lhe compete, isto porque o publico erronea e tolamente julga uma classe inteira por meia duzia de corruptos, sem intelligencia e sem moral, que mancham paginas de jornaes n'uma exploração baixa, servida por insulsa prosa.

Mas tudo isto é incabível porque na sociedade, desde os altamente collocados até áquelles sem posição social, no paiz ou no estrangeiro, ha gente ignorante e sem imputabilidade moral, sem criterio e sem intelligencia, e ninguem, *abona fide*, condemna com um julgamento leviano uma classe inteira por alguns exemplares degenerados.

Entretanto, parece que só abre uma excepção odiosa aos jornalistas, julgando-se todos, de sul a norte, pelas façanhas d'um grupo que exactamente faz a restricção nada lisongeira.

A injustiça é clamorosa e merece reparos. Entre medicos, padres, engenheiros, bachareis e politicos, como em todas as ramificações em que se subdivide o organismo social, ha bons e ruins. Esta observação mesmo, á puridade, não é minha; deve ser do senhor de La Palisse.

O publico não condemna em massa esta ou aquella classe, fazendo bem clara a separação do joio e do trigo. Entretanto, que para a imprensa . . .

Talvez, pelo jornalista estar em convivencia directa e diaria com o publico, sabedor dos seus gostos e defeitos, obrigado pela profissão a ser bom e máo, e elogiar hoje e a condemnar amanhã, conhecedor d'aquillo que se conventionou chamar fraquezas sociaes, talvez por isto mesmo que se julga em globo, deslealmente, jornaes e jornalistas.

Outro dia li n'um escriptor conhecido esta opinião: — «Em tempos democraticos, em meio de uma população que sabe lêr, não ha honrarias comparaveis á influencia permanente e aos vastos recursos ao alcance do jornalista, que entende do seu officio. N'elle se concentram todos os attributos de uma soberania real. Desfructa quasi que exclusivamente o direito da iniciativa, conserva a faculdade permanente de orientar e dirigir, e, acima de tudo, melhor do que qualquer outro homem, está apto para ge-

rar essa dynamica da opinião publica que é a maior força dos partidos».

A questão é ter sensatez, saber discernir o bem do mal e ter o segredo da confecção da folha. Porque até para traduzir ou transcrever é necessario criterio e gosto, conhecer o que vae agradar ou não a seu publico,

Certo que muitos jornalizam com uma pilha de papel, uma thesoira e o competente vidro de gomma-arabica. E' a monomania, a doença — se permitem a phrase, — da thesoira, por incompetencia ou preguiça. E depois, cheios de ironia e de graça, queixam-se ingenuamente do publico, que não recompensa os seus esforços, os sacrificios feitos...

A confecção de muitas d'essas folhas que enxameam por ahí, abarrotando o povo e entupindo logares, é uma delicia. Quasi ninguem trabalha e todos querem ser redactores, — para figurar, ser fallado na gazetilha, ter entrada gratuita nos theatros, frequentar as festas. E, á ultima hora, quando o chefe de officinas reclama originaes, vasio os galeões e o bando de typographos á espera, é um cortar doido, um furor de transcripção que deixa esburacados, em farrapos, os jornaes da ultima mala, do sul ou do norte, porque os do estrangeiro, esses ainda precisam ser traduzidos...

Já disse alguém, com fina observação, que

muitas das nossas gazetas nada mais são «que um pretexto para o artigo de fundo». E de facto. Diarios ha que, tirado o editorial da primeira columna, d'uma politicagem estreita e barata, só fica restando a transcripção tola e improfiqua, feita a esmo, duas ou tres mentiras e perfidias no noticiario, e as notas da malandrice, colhidas na policia. pelo *repórter* indifferente.

Felizmente, em todo este immenso Brazil já ha uma duzia de jornaes, verdadeiramente jornaes, bem feitos, alguns artisticos, variados, com um largo serviço telegraphico, a materia bem distribuida, o noticiario desenvolvido e farto. E' exacto que não fiz a conta a dedo, como um collegial. Mas não deve ir além de doze.

Ha verdades que não se dizem, bem sei. Mas «a convenção social» ha de permittir, meu amigo, que abra uma excepção aos preconceitos do mui nobre senhor conselheiro Accacio.

UM ESCRIPTOR

Agosto de 1901, Manaus

MEU QUERIDO BERTINO DE MIRANDA

CERTO que n'este paiz, de sul a norte, ha muita gente que escreve, que faz livros, livros em profusão, livros a granel. Mas escriptores, verdadeiramente escriptores, na significação precisa da palavra, ha poucos, rarissimos.

Para a infelicidade da nossa já pobre litteratura nacional, foi um d'estes, dos bons, que a morte golpeou, não ha muito. Sant'Anna Nery pertencia ao numero restricto d'aquelles que honravam o Brazil intellectual, sabendo guardar as tradições da lingua maravilhosa de Camões.

E é por isto, meu amigo, que deixei lá no

alto esta phrase:— *Um escriptor*. E se tratando de Sant'Anna Nery nada mais justo do que a classificação referida, infelizmente malbaratada, aqui e além, para este e para aquelle.

Toda a obra, nada vulgar, do patricio illustre, todo o seu estudo detalhado e exhaustivo, toda a investigação derramada em centenaes de paginas, todo o estylo admiravel do grande morto, toda a sua *verve* scintillante e adoravel, fizeram d'esta mesma obra um patrimonio nacional, uma honra para o Brazil litterario.

Affirmava o fertilissimo Pinheiro Chagas, ao escrever sobre Latino Coelho «que toda a vida d'este se condensava no gabinete» O mesmo podemos dizer hoje d'este admiravel Sant'Anna Nery, ao minuciar a sua obra alevantada e patriotica.

Toda a vida do paraense festejado foi passada em estudos, no gabinete. Um accidente politico é que o arrancou, por mezes, do seu trabalho intellectual, atirando-o a um presidio.

Eternamente moço, com o espirito fino e dia a dia parece que mais apurado, mais scintillante, o barão Frederico de Sant'Anna Nery era um palestrador eximio, delicioso, direi mesmo encantador, pontilhando a phrase com a ironia subtil ou com a anecdotia sem offensa e com malicia...

A sua obra, a sua grande obra, ficará eterna

no espirito d'aquelles que têm cultivado intellectual. Ella não é d'estas que desaparecem com o auctor, que morrem muitas vezes antes de quem as fez...

Brazileiro, foi um amigo incondicional da nossa Patria, talvez o seu maior propagandista na Europa. No jornal, no pamphleto, no livro, na tribuna, Sant'Anna Nery fez a campanha cerrada da defeza do paiz, amparado pela verdade, escudado no seu patriotismo efficaz, — campanha esta que lhe valeu muito dissabôr, muita injustiça até de compatriotas.

Longe de mim a preocupação, meu querido amigo, de, n'esta carta muito intima, sem as lantejoulas do estylo, sem o brocado dos periodos cuidadosamente rendilhados, estudar a obra do patricio eminente. Mas é grato para mim, n'estas linhas modestas, fallar do estremecido amigo, d'aquellê a quem eu — v. bem o sabe, — sempre admirei e quiz.

Como estudo, como reflexão, como obra «para ficar» — empregando uma velha fórmula de Jules Lemaitre, — ahi temos *Le Pays des Amazones*, um livro sincero, real, verdadeiro, e que é a reivindicação dos nossos direitos, obra traduzida hoje em linguas diversas; *Le Folk Lore Brèzilien*, prefaciado pelo principe Roland Bonaparte; *Aus États Unis du Brèsil*; *Le Brèsil em 1899*; o *Diccionario Encyclopedico*, e tantos

outros volumes; — como obra de espirito, de *charge*, entre outras muitas, onde rebrilha todo o seu talento, toda a sua graça, toda a sua *verve* sadia e bôa, ahi temos *De Paris a Fernando de Noronha*, a historia do seu degredo politico no Brazil, contada com um chiste delicioso e arrastando a uma bulha tremenda, a uma troça irresistivel, aquelles que o perseguiram, que o desterraram.

Ja dizia Camillo «que é preciso ter chorado para immortalizar o riso no livro, na estrophe, na sentença, na palavra». E Sant'Anna Nery, d'este exilio, nos deu um livro soberbo, vibrante de ironia, adoravel e de veras causticante.

Elle era bem o que um escriptor de além-mar disse d'um seu patricio, ao analyzar toda uma obra celebre, — um maravilhoso Protheu que sabia tomar todas as fórmãs, adaptar-se a todos os generos, ser mordaz e commovente e profundo e brilhantissimo.

Mas, meu bom Bertino de Miranda, entrego a outros, certo mais auctorizados e competentes, a tarefa de criticar, de analyzar, de dissecar, se v. permite a phrase, toda a obra vasta e patriotica, genuinamente nacionalistica, de Sant'Anna Nery. O que eu quero, o que eu de-sejo, n'esta carta despretenciosa, é relembrar o palestrador inimitavel, delicioso, cheio de graça e de chiste que foi o morto amigo.

Lembra-me bem, como se fosse de hontem, o facto. Voltava Sant'Anna Nery, de Fernando de Noronha, com destino ao Amazonas, quando lhe fui apresentado, já a bordo d'um antigo paquete do Lloyd, por um dos seus irmãos, o que hoje dirige o destino d'essa riquissima terra.

E, trocados os primeiros cumprimentos, n'uma bella noite de junho, — a lua lá no alto como uma salva de prata, nós no tombadilho do *Alagôas*, conversamos, ou melhor, fallava o Mestre, ininterruptamente, e eu, ávido de conhecê-lo já ha annos, bebia soffrego as suas palavras, admirando toda a sua graça, toda a sua ironia faiscante, o seu vocabulario riquissimo e puro, classico, sem affectação, pontilhada a palestra de quando em quando, com uma anecdota irresistivel, um caso delicioso e original.

Brazileiro. residente em Paris, educado na Europa, — toda a sua vida passada lá fóra — Sant'Anna Nery fallava e escrevia o portuguez o mais correcto, o mais crystallino e joeirado, sem uma accentuação estrangeira, quem sabe se pensando com Eça de Queiroz, que a gente deve fallar muito bem a sua lingua, tendo o direito de fallar muito mal a lingua dos outros... se elle tambem ao fallar ou ao escrever o francez, o inglez, não parecesse um francez ou inglez educado.

Foi n'esta viagem, — na travessia de Belém a Manáos, — sulcando o Amazonas immenso, que Sant'Anna Nery me contou, n'aquelles seus periodos arrebatadores, n'aquella sua palestra adorabilissima, todo o seu exilio, a sua prisão na ilha temida, os seus tormentos e pezares longe da familia, de todos os seus, perseguido, — paginas estas que mais tarde reli no livro causticante em que conta o seu martyrio, quasi com a mesma precisão de factos, de datas, e com a mesma *verve* de Mestre.

E, ao lêr o volume de combate, pareceu-me estar ainda a ouvir Sant'Anna Nery, n'aquellas noites enluradas de junho, a bordo do *Alagóas*, a contar casos estupefacientes do Biriba e do Azulão...

Desde ahi, admirador que já era da sua obra escripta, o fui e sincero da sua «obra fallada», — porque ninguem, que eu tenha ouvido, tinha mais graça na palestra, mais chiste, mais *verve*, um repositório maior de anécdotas, de facecias, de casos, contados todos habilmente, com uma finura unica, com um espirito raro, com uma ironia excepcional.

E, todos os dias, quando Sant'Anna Nery, o eternamente moço, estava na terra hospitaleira e generosa dos Barés e dos Manáos eu ia pressuroso ter a minha «hora de palestra» com o grande e gentillissimo homem, hora que por vezes se prolongava em duas e tres, quando o

circulo amigo augmentava,—circulo a que v., meu bom e distinguido confrade, pertencia como eu, todos nós admiradores da obra escripta e fallada do brasileiro eminente.

Certo que Sant'Anna Nery, no estrangeiro, representou o Brazil quasi em toda a ultima metade do seculo XIX. Elle foi, *spont sua*, o advogado da nossa Patria em terras da Europa, zelando pelo nosso bom nome, desmanchando intrigas, desfazendo calumnias, em artigos e estudos vibrantes, sérios, justos, ou n'uma alta ironia gauleza sob o mal disfarçado pseudonymo de Mr. Purand.

Que elle, o Mestre, amou o Brazil, idolatrou-o,—estão ahi, para attestar, centenaes de paginas, folhetos, livros, polemicas, aqui e acolá, os seus quatorze annos de collaboração efectiva no *Jornal do Commercio*, do Rio, com a criação dos bellos folhetins *Vêr, ouvir e contar*, onde boiava sempre e sempre a saudade da Patria querida, emfim, toda a sua obra que, pelo patriotismo que a inspirou, pelo aprimoramento da linguagem, pelos conhecimentos desdobrados, pela ironia subtil, muito delicada e muito fina,—uma filigrana,—não se apagará com a sua morte, honrando o Brazil intellectual.

Sant'Anna Nery bem podia dizer com Horacio,—*non omnis moriar*. Eu não morrerei todo, porque minha obra me sobreviverá.

E, ao fechar esta pobre carta aberta, sobre o amigo commum, roubado á nossa admiração e ao nosso affecto, receba, meu carissimo Bertino de Miranda, um aperto de mão do seu confrade *ex-corde*.

RELIGIÃO & C.^a

1901, *Manãos*

MEU BOM LICINIO SILVA

Não extranhe v., meu velho amigo, o titulo escandaloso — para os convencionaes, — d'esta modestissima carta-aberta. Certo que a religião, a verdadeira religião, é um bello culto, muito alto e muito nobre, outr'ora a força dos povos, o laço que os unia, o poderio incomparavel da Igreja; certo tambem que hoje, salvo as excepções obrigadas a toda regra geral, a religião já perdeu o brilho que a manteve, que a fez dominar, deixando fugir almas pela inepecia da maioria dos seus principes, por uma intransigencia descabida, por uma má comprehensão ou por uma larga desorientação, convertendo o culto catholico em objecto de luxo, em exposi-

ção de *toilettes*, fazendo-se religião por *chic*, indo-se ao templo sagrado com a mesma indiferença, sem fé e sem crenças, com que se vae ao theatro, ao baile à *kermesse*.

Não desejo, não quero minuciar factos. Mas, no nosso paiz, proclamada a Republica e separada a Egreja do Estado, a religião entrou n'uma phase de estacionamento, ou melhor, de abandono. Aquelles que eram os principaes responsaveis do catholicismo, os seus directores, perdido o amparo official, parece que só tiveram por lemma a salvação propria, o «eu» desolador e eterno.

Não digo que n'este paiz de indifferentes haja indiferença absoluta pela religião. A Egreja, nas suas festas mais populares, ainda consegue despertar um pouco a alma de parte do povo, — mas nem se estender pôde uma comparação com as festas de outr'ora, onde compareciam, fervorosas e crentes, populações inteiras.

Mas nos dias que atravessamos, a fé, — a verdadeira crença, — só é encontrada entre aquelles que propositalmente chamarei a «alma velha». A gente nova, a de hoje, toda uma mocidade, esta vae ao templo, frequenta a religião por desfastio, em busca d'um divertimento continuo e gratuito, para vêr o desfilhar de *toilettes*, e diga-se a palavra precisa, núa, e crúa, para namorar.

E d'este desrespeito, d'este abandono da religião, d'esta falta absoluta de crenças não se podem queixar muito aquelles que são os guardas do bello e nobre culto, que ainda tem a brilhar lá no alto, — com uma enorme estrella isolada e triumphal em noite escura, — o vulto d'esse grande e dôce velhinho Leão XIII...

*

* *

Os grandes oradores da Igreja em nossa Patria, aquelles que pela erudição, pela palavra quente e persuasiva, pelo talento e pelo saber, illustravam a tribuna sagrada, — esses parece que se fôram para nunca mais voltar, como aquelles sonhos deliciosos do bardo patricio. Se ha ainda, em todo o nosso paiz, quatro ou cinco grandes oradores sacros, é caso de nos darmos parabens.

Aquelles que visitam as nossas Igrejas sabem bem quanta verdade vae n'estas linhas. As Casas dos Santos, então, e apesar das pingues esmolos, denotam verdadeiro desmazelo, senão abandono. Mas, apesar d'isto, enchem-se; aqui e alli velhos rezam, sinceros e constrictos, reme-

xendo rosarios com as mãos debeis; moças trajando *toilettes* caras e *chics*, de côres, garridas e joias faiscentes; e, nos portaes do carcomido templo, os *dandys*, os adoraveis «leões» preciosos, ño rigor da moda, grande flôr á lapella, luzidia cartola, ostentando um alto desrespeito pela religiãõ, com olhares babosos para o bando das senhoras, tentando, os preciosissimos «leões», *jeter du ridicule sur la religion*.

...No pulpito, com raras excepções, n'uma voz cançada e rouquenha, como um realejo qualquer, um prégador vulgar repisa idéas velhas e gastas ou atemorisa os poucos fieis com o diabo, a perfidia do espiritismo e do hypnotismo, ameaçando parvamente com o purgatorio áquelles que nas terças e sextas não usam e abusam escandalosamente do bacalhau...

Comprehende-se, meu amigo, que com tal desrespeito e desorientação de parte a parte, a Igreja perca o seu poder e a sua grandeza, logico a sua força, e se converta insensivelmente em passatempo agradável e barato aos moços de hoje.

E a grande verdade resalta como uma espada nua brilhando ao sol: e é que os velhos, só os velhos vão ao templo por espirito religioso, ainda com grande fé e purissima devoção.

Mas, quando desapparecerem estes velhos... a Igreja perderá de todo o seu poderio, como

já perdeu o seu esplendor, porque — diria qualquer conselheiro Accacio, — os velhos d'ámanhã são os moços descrentes de hoje.

*

* *

Um causticante escriptor portuguez disse que «a Igreja perde effectivamente o seu lugar, não já como fornalha de fé, mas mesmo como empreza e casa de espectaculos. E o seu grande drama tragico annual — a paixão de Christo, — com musica e canto, calvario no claustro, para os fieis, e brodio de amendoas e vinho, para os irmãos, na sacristia: esse grande drama lyrico, que por seculos foi considerado a obra prima do theatro papista — os proprios padres o confessam, — começa hoje a tornar-se banal, pela immutabilidade dos mesmos effeitos, e falta de logica do seu conjuncto scenico».

E de facto. Já o povo, farto de scenas usuaves, d'uma monotonia fastidiosa, porque são de anno em anno, abalado profundamente em sua fé, assistindo á derrocada tremenda porque é a confiança, o allivio, o consolo, a esperança que se vão, principia a cançar, a perder a fé, minado no amago, — como estas arvores que têm a raiz to-

cada do mal que as ha de matar, mas que ainda têm um ou outro galho frondoso e verdejante a illudir o viandante descuidado.

A grande verdade é que hoje o amor profano, mesmo dentro da Egreja, substituiu o amor divino, como bem observou o escriptor de quem recortei o trecho deixado ahi acima. A espectacularidade, a monomania da exhibição, as *toilettes* riquissimas vão tomando o lugar da crença e da fé. E os «guias espirituaes» não podem desenrolar queixas que seriam amargas, porque da maioria d'elles foi que partiu o abandono, a indiferença, a intolerancia, o desregramento mesmo, — comprovando involuntariamente o saber, e a enorme distancia que vae entre os eminentes e perspicazes chefes da Egreja de hontem e os inhabeis e pouco cuidadosos chefes da de hoje.

Ha verdades amargas. E n'esta epocha, meu amigo, em que muita gente é ainda religiosa por especulação, por sordido calculo, para parecer bom moço n'um tempo de desvarios e de *debâcle* social, e onde os verdadeiros crentes rareiam dia a dia, mais e mais, é possivel que, entre as quatro paredes d'um gabinete isolado, em soliloquio, se perfilhem as opiniões aqui deixadas despretenciosamente e se vá, com grande desplante e maior petulancia ainda para a rua, para o jornal, affirmar que a Egreja nunca

resplandeceu como hoje, que ella não está nem nunca esteve em decadência, e que a fé parece até que augmentou e se avoluma...

Mas já a Biblia — este encantador e dôce poema em prosa, — abençoou aos preciosos de todos os tempos, para gaudio e estupefaciente jubilo dos companheiros do snr. de La Palisse.

E eu, meu amigo, ao fechar esta longa carta, com o classico e rançoso — *Amen!* envio-lhe muito saudar.

THEATROS

CONTINUA em decadencia o nosso theatro. Já vae longe a epocha em que resplandeceram todo o talento de Penna, toda a observação e ironia de Macedo, toda a illustração de Alencar e de tantos outros que souberam honrar a Arte patricia.

Hoje o drama e a comedia fôram substituidos pela revista desenxabida, falha de espirito e de senso. A moral — essa anda então bem arredia dos nossos palcos. Não que eu me enfileire no numero dos Catões, que, portas a dentro, pela calada da noite, devoram — é precisamente o termo, — a bibliotheca escandalosa dos Rabelais e, na rua, afivellada a mascara d'uma moralidade intransigente, vá blasonar uma pudici-

cia falsificada, alardear uma innocencia que hoje se perde, e d'uma vez para sempre, aos doze annos.

Mas, sejamos justos e desapaixonados. O que domina nos nossos theatros, já se vê que no genero nacional, não é a tragedia, o drama social, psychologico, a comedia fina e esfusiante de espirito, de graça, de ironia, de *verve*, mas sim a revista ensóssa, parva e imbecil, o maxixe desbragado e revoltante, a libertinagem da phrase e do gesto.

Auctores dramaticos já não os temos mais. De Norte a Sul, bem contados, podemos mencionar tres ou quatro escriptores que ainda se dedicam ao genero difficilimo do theatro. O resto é a revista monotona e fatigante, com luxuoso scenario, gurda-roupa lantejoulado, pauperrima de espirito, infelicissima de enredo, a musica uma coberta de retalhos, tirada d'qui, d'alli, d'acolá.

Ora, se o theatro é realmente para educar, como os livros me ensinaram e eu ingenuamente creio, é necessario haver muito boa vontade, muito criterio, senso e moral para uma regeneração que já não pôde ser immediata, mas que se deve fazer, embora aos poucos, lentamente.

E' tristissimo vêr a que reduziram o nosso theatro. Outr'ora, elle honrava esta Patria querida, tinha uns tantos nomes aureolados, — ta-

lentos de escól. Hoje, que nós temos também muitas illustrações, o genero foi barateado e em vez de progredir, retrocedeu.

Alguns d'esses, reduzidos hoje a «revisteiros» tem capacidade para nos dar bellos dramas, esplendidas comedias. Mas a revista é tão facil e cala tanto no espirito do publico!...

Mas ahi é que está exactamente o erro. O povo; se enche os theatros quando vão á scena as revistas marotas, é porque só lhe dão revistas ou dramas de arrasar qualquer paciencia de Job, genero *José dos Telhados*, *Poder do Oiro*, *Pedro Cem que já teve e hoje não tem*.

Como, em tempo que vae bem longe, quando o meio social era menos desenvolvido, mais acanhado, Penna, Macedo, Alencar fizeram e representaram obras de valor indiscutivel, alcançando o successo verdadeiro e expontaneo?

O gosto do publico, pelo abuso escandaloso da revista abandalhada, vae-se depravando. E se não houver uma repressão, clara e forte, então é que nunca mais teremos o theatro nacional.

E não se diga que vae pessimismo n'esta observação. O povo, não tendo quem o oriente, deixa-se levar como uma creança pelo mais ousado. E o theatro, abandonado pelos bons escriptores, entregue sómente aos maxixeiros de scena, aos exploradores da Arte, aos seus ini-

migos mais ferrenhos, visando somente o negocio do balcão, esquecido o nome e a responsabilidade artistica, — vae calando no espirito do povo, eternamente bom e eternamente ingenuo, e a dança desenfreada e lasciva, e a palavra immoral e de marafona, o gesto de bordel e os usos de alcouce, insensivelmente fôram tomando o logar da comedia cheia de graça e do drama bem observado.

Negociantes, os «revisteiros» sabem bem que vender barato é vender muito. E assim, dos magros dez tostões do «paraiso» aos cinco mil réis da cadeira de primeira classe, o povo pôde, a fartar, vêr e ouvir as revistas de nomes pomposos e attrahentes, precedidas de altos precuncios e recheiadas de escandalosissimas scenas.

No palco, todos nós sabemos o que se passa. Um scenario vistoso, guarda-roupa encarnado e azul, faiscentes os pingos doirados, dialogos d'uma parvoice desesperadora, scenas desconstradas, desconnexas e ridiculas, a peça sem um enredo, — sem uma historia na phrase picante do povo — a musica roubada d'aqui e d'alli, de operas, operetas, zarzuellas, etc., fazendo uma confusão arrasadora, e, quando Deus Nosso Senhor é bem servido, a pilheria — porém, geralmente baixa, grosseira, offensiva, despertando gargalhadas aos parvos.

Do palco, as «actrizes», zelando tambem inte-

resses proprios, procuram ávidas a platéa, deitando a este ou áquelle olhares alambicados, sorrisos com tentativas a provocantes e que só deixam vêr boccas sujas e dentes mal cuidados, e, para completar as bellezas falsificadas, de carregaço, os decotes escandalosos por onde se vê o carmim e o pó de arroz barato n'uma confusão doida, de arrepiar, fazendo *pendant* com as pernas magras, á mostra, envoltas porém com algodão em rama, para engrossarem, para ficarem gordas e roliças...

E aqui temos hoje o theatro nacional, com duas ou tres excepções. Maxixes e pernas entrouzadas.

Belém, novembro, de 1901.

O PREMIO DEUTSCH

O problema da navegação aérea sempre preocupou o brasileiro. Em epocha remota, quando era um crime as descobertas scientificas, patricios nossos já cuidavam da direcção dos balões. E parece que esta gloria, desde seculos, estava destinada ao Brazil.

O padre Bartholomeu de Gusmão, o *Voador*, filho d'esta Patria que tem dado tantos talentos de escól, soffreu torturas pela navegação aérea. E não foi só elle, em seculo de atrazo social, que pagou sabedoria e illustração com soffrimentos Moraes e materiaes. Ainda hoje, em pleno seculo xx, em que nós blasonamos muita educação, muita civilidade, reinar uma nitida comprehensão dos homens e das coisas, dos

nossos deveres, dos nossos direitos, em que nos enfeitamos com sentimentos altruisticos geralmente não possuidos, hoje, que alardeamos uma justiça absoluta, completa, imparcial, criteriosa, independente, — aquelles que se entregam de corpo e alma aos grandes trabalhos não communs ás massas, desconhecidos d'estas, sofrem a mesma guerra de outr'ora, agora não com barbaria, mas com um requinte de civilização, por isso mais dolorosa, mais ferina, porque não é a vingança physica mas a moral, aquella que vae certa e sangrar o nosso coração e a nossa alma.

Comparemos. No reinado de D. João v, quando não havia ainda esta decantada civilização de que tanto nos gabamos, o padre jesuita Bartholomeu Lourenço de Gusmão inventa uma machina aerostatica e por isto é perseguido. Hoje, mais d'um seculo depois, quando o progresso é um facto, a civilização um dos nossos mais discutiveis orgulhos, a obra gloriosa e extraordinaria de Santos Dumont é posta em duvida e, depois d'elle descobrir a dirigibilidade do balão, não com palavras mas com factos, ha gente que lhe faz cerrada opposição, por despeito, por inveja, ou por um mal entendido patriotismo — em todo o caso por um sentimento pouco nobre, nada elevado, — e gasta-se mais de mez em discussões, mais ou menos violentas,

para saber se se deve entregar ao brasileiro ou-
sado o premio Henrique Deutsch...

Isto na capital da França, em plena Paris,
n'uma associação composta de gente de talento
e de saber, no seculo xx.

*

* *

Mas Santos Dumont obteve enfim o premio
Deutsch. Não por uma maioria absoluta, como
era de esperar, se a justiça fôsse realmente um
facto, — mas, dentro do *Aéro-Club*, por 13 vo-
tos contra 9, se não falham telegrammas recen-
tes.

N'este momento desaparece a cifra, aliás
consideravel, de 100 mil francos do celebre pre-
mio Deutsch, para ficar sômente o valor moral
que traduz esse mesmo premio, universalmente
ambicionado e disputado.

Elle diz, bem alto, comprovadamente, ter
sido um brasileiro quem descobriu o problema
até hoje irresolvivel da navegação aérea. O que
n'isto vae de doloroso para muitos, bem o prova
estes 9 votos contrarios, — votos que são o re-
flexo ou do despeito ou d'um patriotismo mal
comprehendido.

Vibra a nossa alma de brasileiro com o triumpho excepcional de Santos Dumont. Elle é, até agora, o maior homem do seculo xx, isto sem paixões, sem parcialidades, sem patriotismos estreitos e insustentaveis. O que esta victoria traduz, o que ella diz, está bem claro no espirito claro, na intelligencia medianamente cultivada.

Sabem todos, desde que seja um facto a navegação aérea, — e esta já está descoberta e por um patricio, faltando apenas detalhes que elle saberá aperfeiçoar ou inventar, — a transformação completa, absoluta, por que passará a vida de hoje, aqui e além.

Outros brasileiros, de Sul a Norte, cuidam sériamente da navegação aérea. E d'esta concorrência tudo temos a lucrar, pois que lá fóra, na velha Europa, muitos são os que se entregam ao estudo exhaustivo e arriscado que fez de Santos Dumont um popular e um consagrado, — duas coisas difficilimas de reunir-se hoje.

Moço, rico, com talento e illustração, ousado, corajoso, calmo e patriota, Dumont reúne qualidades raras e de verdadeiro heróe, de homem já hoje considerado de lenda.

O ambicionado premio Deutsch veiu officiosamente consagrar a sua obra valiosa e admiravel, obra que já tinha o apoio e o applauso do povo francez, como de quasi todo o mundo.

Registremos as glórias nacionaes, sem orgulho mas com justiça. E tenhamos, nós os brasileiros, as melhores palavras de saudações para o moço heróe vencedor do premio Deutsch, e enviemos-lhe, de longe, atravez do jornal, toda a expressão dos nossos melhores sentimentos, das nossas alegrias, as vibrações da nossa alma e do nosso coração, — «porque alma que não vibra não é alma, coração que não bate não é coração».

Belém, novembro, 1901.

UM LIVRO DE VERSOS

VERSOS para serem lidos é necessario que a gente esteja calma, tranquillo o espirito, a alma socegada. Certo pòdem ser vistos a qualquer hora, até n'um alcazar, mas não comprehendidos. E então versos de amor, dôces, suaves, fallando ao coração, cheios de saudades...

...Outro dia, — uma tarde quente, abraçadora, — n'um esfrangalhado *bond*, tentativa de barca rompendo pacificas aguas, um amigo meu, serenamente, lia um livro de poesias. Ao seu lado dois engravatados cavalheiros discutiam calorosamente a politica local, e, bancos atraz, uma mulher affirmava ás companheiras de compras, no mercado, que a carne n'esse dia estivera gorda e mais barata. E o meu amigo,

abnegadamente, continuava com o olhar parado n'uma das paginas do formoso volume. Era os *Trophéus*, de Heredia.

Ora, impossivel comprehender o verso marmoreo de José Maria de Heredia n'aquella lufalufa, passageiros a desembarcar, a altercar com o conductor, a discutir este ou aquelle assumpto. Obras e obras de Heredia, reclamam o maior silencio, todo o repouso para entendel-as.

E, estabeleçamos o dilemma, ou o meu amigo, homem dado ás lettras, lia Heredia sem comprehendel-o ou fingia lêr o volume requintado do academico eminente «para parecer que sabia francez». Isto não é de extranhar, desde que é uma das admiraveis fraquezas sociaes.

Em bem diverso estado de espirito, em local agradabilissimo e diria mesmo poetico, — se os extraordinarios conselheiros Accacios da nossa litteratura não tivessem abandalhado o termo, — li, calma e reflectidamente, um forte volume de versos que amigo meu, homem de lettras e dos mais festejados do paiz, me enviou ha mezes da capital da Republica. O livro chama-se *Poemas da Morte*, e o poeta, seu burilador, é Emilio de Menezes.

Foi n'este aprazivel e encantador Mosqueiro, onde ha dias estou, n'uma manhã agradabilissima e fresca, n'uma paz e quietude absolutas, e, como diria o poeta patricio :

«longe do grande luxo e vivendo distante
do fausto babilonico e da pompa chaldaica».

que li a Obra de Emilio de Menezes, os seus bellos versos cantantes e sonoros, cheios de vida, de muitos pezares e poucas alegrias.

*

* *

Disse ahi acima que ha mezes tinha em meu poder os *Poemas da Morte* e, confesso-o, ainda não o lêra. Sabendo que se tratava d'um bom poeta, o que realmente é Emilio de Menezes, e d'um livro muito fallado, muito discutido em rodas litterarias, aguardava occasião opportuna para apreciar a obra do bardo nacional.

E ninguem extranhe este proceder. Repito que os bons versos precisam de tranquillidade para serem entendidos, como toda a obra de arte.

Esta, coitada, anda tão malbaratada que já ha uma prevenção absoluta por parte de todos. O verso, então, é uma *débâcle*. Mesmo os intellectuaes, aquelles de coração bom e generosidade illimitada, já ha muito estão em guarda. Os poetas de fancaria invadiram as paginas dos jornaes condescendentes e hoje, em que temos

uma multiplicidade de coisas a tratar, em que a vida material nos rouba o maior tempo, somos obrigados — e aqui vae a grande verdade, — a procurar primeiro a assignatura do poeta. Se este é um Mestre, um consagrado ou quasi um nome feito, nós lemos toda a poesia, se não... deixamos a outrem, que afinal não existe, esta tarefa.

E culpados fôram estes mesmos pretensos poetas. Elles têm a monomania da exhibição — uma doença já estudada por Max Nordau, — e abarrotam, dia a dia, as paginas dos jornaes amigos. Ora, n'este paiz raro é aquelle que não se considera poeta e rarissimo o que não é criminoso no verso...

Se a gente fôsse lêr toda a producção nacional, ou aquella que as gazetas insere, não dispunhamos de tempo para cuidar de outros imprescindiveis affazeres. E o resultado muita vez é desprezar-se uma bôa producção, porque vem firmada por um desconhecido.

Entretanto este paiz de poetas, de gente que verseja espontaneamente, não tem dado agora bons poetas. Fiados na intelligencia, quasi ou nada estudam. E o resultado é brilharem ainda, sem competidores, aquelles que ha annos encontramos na liça, os Mestres da rima, Bilac, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e mais dois ou tres.

Porque a maioria dos nossos moços, entende, e entende mal, que a poesia é cantar em pessi-
mos versos os cabellos, os olhos, a bôcca, os
dentes, e tudo mais, das respectivas namoradas.
Certo a mulher, que é o amor, sempre foi e será
a inspiração básica do poeta. E' a vida de
hoje, foi a de hontem e será a d'amanhã.

Mas é necessario o estudo, e para fazer a
psychologia da mulher amada, ou mesmo en-
deusar os seus cabellos ou as suas fórmãs, sem-
pre incomparaveis, é preciso muito talento,
muita observação, muito criterio. Se não, é ca-
hir no ridiculo, atirar á galhofa a namorada,
com todas as suas fórmãs escepçionaes e estu-
pefacientes.

*

* *

E' um bello livro este de Emilio de Menezes.
O verso é cheio e sonoro, a rima difficil e pre-
cisa, o assumpto muita vez pouco vulgar. Os
Poemas da Morte, sem desdoiro, pòdem figurar
na estante do artista distincto, a par das nossas
melhores obras poeticas.

E' um livro que cabe profundamente no es-
pirito do leitor attento. O titulo esse é sugges-
tivo: parece que ha um sopro de morte em to-
das aquellas paginas.

A producção nacional anda tão pobre que este volume, além de ser um verdadeiro successo litterario, é um conforto para todos nós. Parece que os bons poetas, os de raça, ainda não se extinguiram n'esta Patria amada.

Leiam esta *Noite de insomnia* arrancada das paginas dos *Poemas da Morte*:

*Este leito que é o meu, que é o teu, que é o nosso leito,
Onde este grande amor floriu, sincero e justo,
E unimos ambos nós o peito contra o peito,
Ambos cheios de anhêlo e ambos cheios de susto;*

*Este leito que ahí está revolto assim, desfeito.
E onde humilde beijei teus pés... as mãos... o busto,
Na ausencia do teu corpo a que elle estava affeito,
Mudou-se para mim n'um leito de Procusto!...*

*Louco e só! Desvairado! — a noite vae sem termo
E, extendendo, lá fóra, as sombras auguraes,
Envolve a natureza e penetra o meu ermo.*

*E mal julgas talvez, quando acaso te vaes,
Quanto me punge e corta o coração enfermo,
Este horrivel temor de que não voltes mais!*

Está ahí um bello soneto, cantante, sonoro, resplandecente de fôrma. O assumpto é banal, mesmo vulgar, — mas Emilio de Menezes, bom poeta, disse em versos adoraveis e admiraveis aquillo que outros têm escripto em má rima, fôrma esdruxula e intoleravel.

Eis como se conhecem os bons poetas.

Não ha obra impeccavel. E, se proposito houvesse de minha parte em catar senões n'este livro, certo os encontraria. Mas deixo a outros, aos monomoniacos que procuram erros em todo o volume, em todo o escripto, esta tarefa, que é, afinal, a da gallinha em terreiro.

Tenho outra noção da obra de arte. Estudo-a em conjuncto, analyso-a englobadamente. Uma ou outra falha, logica e natural porque é humana, desprezo-a.

Uma bella e forte leitura é os *Poemas da Morte*. De resto, é um livro sincero. E a sinceridade é o essencial na obra de arte.

Mosqueiro, novembro, de 1901.

?

É uma verdade inconcussa esta: o theatro nacional está muito em decadencia. Ha mesmo quem diga que a sua agonia é um facto.

Passou a epocha dos Penna, Alencar e Macedo. Se o theatro brasileiro, no drama, na comedia, ou em suas outras modalidades, teve uma phase feliz onde brilhou o talento multiplo d'esses escriptores e de mais alguns, hoje, — força é confessal-o, — retrogradou, podendo-se mesmo com justiça dizer que vivemos do passado, de recordações.

Excepção de Arthur Azevedo, que é um comediographo de talento e de espirito, não sabemos mais quem perseverantemente haja escripto para o theatro. E mesmo Arthur, que

ha mais de vinte annos tem batalhado cerradamente para que tenhamos algo de nacional n'este assumpto, vendo elle só não poder vencer um meio ainda relapso ás coisas de Arte, deixou o drama e a comedia, entregando-se á revista repudiada por todo verdadeiro intellectual, — revista que tem os applausos do populacho e de muita gente que se diz civilisada, e a preferencia absoluta dos emprezarios que exploram no Norte e Sul as nossas casas de espectaculos.

Entretanto, se Arthur escrevesse em francez ou em um meio artistico consagrado, rivalisaria com Alfredo Capus, pois a vivesa no dialogo, a ironia scintillante, a observação justa, o enredo leve e impressionador, a phrase d'uma simplicidade encantadora, nada falta na comedia do conterraneo illustre.

Estas considerações deixadas ahi acima, na despretenção d'um artigo lançado *currente caramo*, motivou-as o ultimo drama de Rubem Tavares, um patricio nosso de talento comprovado.

Se por acaso tivessemos um theatro, certo um dos primeiros logares caberia ao moço illustre. Elle dedicou-se ao drama, — como illimitado para rebrilhar o seu talento e todas as suas multiplas qualidades de Artista.

Antes do drama que dá logar a este esboço de critica, e que original e curiosamente se intitula — ? — Rubem trazia uma bagagem litte-

raria avultada, constando d'uma farça, *Embrulhadas de Amor*; *A Intrusa*, comedia de Sabatino Lopes, que traduziu fazendo um prefacio criterioso; *Pelo theatro*, estudos criticos e *A Razão Social*, drama que mereceu benevolo acolhimento do publico e da critica sensata.

Não se trata d'um estreante, e, muito menos, d'um desconhecido. Não pede benevolencia; reclama justiça.

Tratemos da obra.

*

Ao espirito desattento ou pouco observador hade ter despertado sorriso de ironia o titulo do drama. Uma interrogação, em tinta preta, na capa d'uma alvura absoluta, e, abaixo, as palavras de Schuré: «Les âmes profonde et tén-dres ont besoin de silence et de paix pour éclore...»

Mas, quem lêr e reflectir a obra como nós, hade chegar á convicção que o titulo, á primeira vista extravagante, foi bem achado. E' uma questão que se debate, uma these que se apresenta muito discutivel e muito melindrosa, e a sua solução verdadeira e definitiva esta não é para o momento, agitado por soluções praticas que assoberbam os espiritos requintados e eminentes da epocha.

A divisa, na arte, do nosso conterraneo é esta: — A fé em busca da verdade. E se o seu drama não é verdadeiramente Religioso e historico, elle quíz com personagens antigos «reflectir os ideaes dos tempos modernos».

O drama gyra em volta de Nazaro, um ente superior, que é o Christo para Rubem Tavares, de accôrdo com philosophos diversos; Mortheu, astucioso e máo, trahidor e perverso; Magda e Myriam, dois typos oppostos, completamente differentes: esta adoravel e bôa, coração sempre aberto ao bem, alma feita para o Amôr, aquella impetuosa e ardente, como foi historiada na téla e na penna.

Em toda a obra o leitor tem em jogo e em confronto estes quatro temperamentos diversos: Nazaro e Magda, Mortheu e Myriam. São estudos psychologicos d'uma felicidade que aqui salientamos, e que nitidamente marca a educação philosophica do moço brasileiro.

Diz o auctor: «O peccado pôde ser perdoado, esquecido nunca; e como a fraqueza na mulher, em o nosso fim moral, é um delicto grave, não ha absolvição que lhe baste. A mulher é o prototypo da honestidade; em si encerra todas as bellezas de sua organização humana, e a menor falta constitue um titulo de menoscabo, de duvida, senão de desprezo.

O problema não é novo. Elle já foi estudado

pelos irmãos Goncourt, Daudet, Maupassant, Bourget, Tolstoi, Ibsen, Amicis, Echegaray e tantos outros. Ha despertado a attenção de escriptores celebres, de philosophos de nomeada. E, na impossibilidade de minucial-o, de dissecal-o, — em artigo ligeiro destinado ás columnas de jornal, limito-me a registrar o assumpto que é uma das bases do drama do escriptor patricio.

Nem sempre estou de accôrdo com o auctor. A sua these, apresentada com uma intransigencia de convicto, parece-me discutivel. E, n'estes tempos modernos, em que só os crentes incondicionaes pôdem sonhar, em que o mundo é demasiadamente pratico, a gente pergunta quantas Myriam existem por ahi...

Rubem Tavares estuda perfeitamente o typo de Nazaro, — do homem calmo e eminente, philosopho e sonhador que só tem um escôpo em sua vida, a salvação do seu povo. O Christo devia ser assim.

O character de Mortheu, character que já foi magistral e superiormente estudado por Shakspeare, está bem observado. E' o egoista, que finge obedecer para depois se vingar, intrigante e ruim, Yago de hontem, de hoje e d'amanhã.

Magda foi estudada talvez com demasiada predilecção. A sua alma é limpida e innocente,

emquanto o corpo rolava no lamaçal. Leviana por temperamento e educação, o seu espirito paira em região superior...

Esta Miryam mereceu todo o carinho e todo o amôr do auctor. E' innocente, é pura, é casta; uma esplendida e adoravel figura de lenda.

Que bellas palavras são as de Nazaro, ao morrer do drama! Ahi está condensada toda a these da obra: «Amae-vos reciprocamente. Comvosco deixo a Paixão, o principio fundador dos direitos da consciencia livre, o modelo, o exemplo vivo para as almas soffredoras, que deverão meditar, fortificar-se e consolar-se. Eis a legenda dos seculos que se succederão por entre a realidade das coisas. Sereis abençoados se não abandonardes a sublime doutrina que ha de emancipar, regenerar a humanidade, — praticando o amor, a justiça, elevando a verdade á mais assignalada das virtudes».

*

Se houvesse n'este paiz uma escola de Arte, um theatro só frequentado por intellectuaes, — philosophos e poetas, — é que podia ser representado o drama — ? — de Rubem Tavares. O problema é delicadissimo, a these melindrosa e transcendental e, nos termos em que está lançado, não é para ser posto em scena. Falta-nos

theatro com escôla, escasseia o publico de intellectuaes, não ha empresario abnegado. E é por isto, eu o creio, que o artistico drama do nosso patricio ha de ficar eternamente em livro, sem nunca receber os applausos da platéa.

Manãos, Agosto, de 1902.

A LIÇÃO DOS BOERS

Os pessimistas e os descrentes de hoje pensavam que só nos poemas legados pela antiguidade é que se casavam o valor e a generosidade, a coragem e o perdão. Para estes, o egoismo dominante nas sociedades modernas não deixava uma brécha para o bem, para os sentimentos affectivos.

Quando começou esta campanha extraordinaria dos *boers*, houve em todo o mundo um fremito de surpresa. Nação tão pequena a accetar a poderosa guerra com o temido leopardo bretão era realmente de pasmar. E, a *una voce*, admirando-se no intimo a coragem d'esse povo fanatico pela terra natal, saccudia-se os hombros e lamentava-se, desde logo, a perda dos

boers, — que estes não venceriam, nunca poderiam sahir triumphantes d'uma guerra travada com a omnipotente e indiscutivel Inglaterra...

Passaram-se dias, esgotaram-se semanas, mezes findaram. Os *boers* iam dizimando os inimigos, destroçando o colossal exercito inglez, vencendo a flôr dos officiaes do orgulhoso paiz de além. E quando todo o mundo olhou, depois d'um anno, o pequeno e heroico povo, de pé, altaneiro, desfraldada a bandeira em pròl da integridade da Patria, — viu, sentiu, que aquelles homens não eram homens communs, que defendiam com o sacrificio da vida o pedaço de terra que lhes pertence e que não entregarão nunca porque, para outros o possuirem, é necessario que d'este povo não exista mais nenhum filho... ¹

A lição que os *boers* vêm de dar ficará indelevel e como um exemplo de generosidade excepcional. Resume-se a um nosso telegramma de Capetown. O famoso general inglez Methwen, que tem sido um encarniçado inimigo dos valentes guerreiros, commandava uma columna

¹ Publicado em Março de 1902.

de 2.500 homens. Os *boers*, em numero de 400, derrotaram Methwen, e o fizeram prisioneiro.

Toda a Inglaterra estremeceu de despeito e de odio. Um dos generaes em que ella depositava maior confiança cahira, como um recruta, nas mãos dos arrojados batalhadores.

A imprensa ingleza, rezam ainda os despachos telegraphicos, revoltou-se. E toda ella, indignada, pedia uma providencia immediata ao Governo, que este mandasse rechaçar o inimigo para vingar a vida de Methwen, que, a essa hora, naturalmente já teria cahido crivado pelas balas dos encarniçados guerreiros...

...E, no mesmo momento, n'uma generosidade excepcional, extraordinaria, estes homens de lenda, estes *boers* admiraveis, que reúnem toda a admiração e sympathias universaes pela causa santa que defendem, davam a mais ampla liberdade ao prisioneiro, soltavam Methwen, deixavam completamente livre o general inimigo que nunca os tinha poupado!...

Este rasgo de generosidade do povo heroico será o filão de oiro em que hade inspirar-se o poeta extraordinario que escreverá o poema da vida gloriosa dos *boers*. E — quem sabe? — se n'este momento, a Inglaterra pasma, admirada

ainda d'este acto de bondade e de perdão, não se arrepende, não tem em pensamento os versos estupendos de Dante Alighieri no seu mais emocionante poema:

*...e quale é quei che disvuol ciò che volle,
È per nuovi pensier cangia proposta,
Sì che del cominciar tutto si tolle...*

Manãos, Março, 1902.

SEGUNDA PARTE

AO AMIGO JULIO NOGUEIRA

O MEU JORNAL

4 de Outubro, 1903.

A morte de Zola — annunciada ha dias pelo telegrapho, — surprehendeu brutalmente a todos nós. Inesperada como foi, é claro que emocionou profundamente aos que se dedicam ás lettras ou áquelles que apenas leram a sua obra d'um vigor extraordinario e incontestado.

O espirito publico não estava preparado para receber golpe tão desolador. Zola estava bom e forte, apezar das campanhas tremendas em que se envolvera não ha muito. Luctava sempre, com energia e desassombro, defendendo a causa nobre e justa, — do fraco contra o forte, da victima contra o algoz.

Não queremos frizar n'esta pagina simples, sem refinamentos de Arte, toda a campanha feita pelo Mestre em prol da causa sensacional

e escandalosa de Dreyfus, a innocencia d'este proclamada e provada bem alto pelo polemista vibrante, e nem a questão religiosa tratada ainda ha pouco com denodo e uma lealdade extraordinaria, inspirando a esse dôce e justo velhinho LEÃO XIII esta phrase que é o maior elogio ao escriptor francez... «Emilio Zola era um inimigo da egreja, porém um inimigo leal que a combatia abertamente. Que Deus tenha a sua alma em santa Paz!»

Pretendemos salientar apenas todo o valor estupendo da sua grande bagagem litteraria; destacar n'este capitulo dedicado ao grande morto, o talento que elle espalhou por milhares de paginas, toda a sua observação minuciosa e rara, o seu estylo crystallino e joeirado com a paixão do artista consciencioso, a phrase burilada com o amor com que Cellini, o ourives florentino, tratava a sua obra inapagavel,— emfim, a pintura apanhada em flagrante, n'uma só phrase, da natureza eternamente triumphal e maravilhosa.

Elle era bem o principe d'essa litteratura franceza, já gloriosa com os nomes de Daudet e Bourget, Taine e Renan, Flaubert e Maupassant, Goncourt e Dumas Filho, e de tantos outros, tantos, eminentes e consagrados pela alta intellectualidade do mundo que lê, ou, se preferem, que sabe lêr.

Na culta França vae ser erguido um monumento á memoria do psychologista dos *Rougon Macquarts*. E' uma obra de gratidão e de justiça, mas certo não é para perpetuar o nome do observador do *Germinal*, porque este viverá eterno nos corações de todos os intellectuaes e do povo francez, por quem elle sempre e sempre se bateu com energia desuzada.

O mestre grandioso de *Rome, Lourdes e Paris*, d'esse estupendo livro, *Fecondite, do Travail, da Terre, Assomoir, Docteur Pascal*, etc., fechou a sua gloria litteraria com *La Verité*, livro prestes a apparecer e que certo será a batalha da justiça contra o crime.

E' morto Zola. Digamos com o Papa: — «Que Deus receba a sua alma!»

8, Outubro.

LEMBRO-ME agora d'uma pagina de Eça de Queiroz — o luminoso espirito que pelo talento, observação e ironia é bastante para fazer uma litteratura. N'aquelle estylo, tão propriamente seu, d'uma feitura admiravel, que canta aos ouvidos como crystal, estalando, joeirado e rico, Eça, o divino Eça, n'uma carta que Fradique Mendes susbscreve e envia presto a um amigo, analysa jornaes e jornalistas, n'um pessimismo intransigente e amargo, dizendo mal dos dois com uma graça deliciosa e unica, que o «jornal matou na terra a paz», que é o pomo da discodia, emfim, que sei eu!

E, ao fechar a missiva, quando o leitor ingenuo suppõe achar uma phrase tremenda, algo

de pavoroso, condemnando irremediavelmente gazetas e pessoas que as redigem, o grande Eça tem as palavras que reproduzo no desalinhavado d'estas paginas «...Mas escuta! Onze horas! Onze horas ligeiras estão dançando, no meu velho relógio, o minuet de Gluck. Ora esta carta já vae, como a de Tiberio, muito tremenda e verbosa, *verbosa et tremenda epistola*; e eu tenho pressa de a findar, para ir, ainda antes do almoço, lêr os meus jornaes, com delicia».

...Li ou ouvi algures que o individuo habituado ao alcool não pôde mais romper com o vicio poderoso. A sua vida não seria vida se deixasse de beber. E quando, n'uma suprema vontade surprehendente e rara, deixa *ex-abrupto* de se embebedar, dias ou mezes depois, já magro e abatido, a Morte vem pressurosa buscal-o para a eterna região.

Assim esta vida da imprensa. Quem uma vez escreveu para jornal, quem ouviu o bater apressado dos typos nos componedores, quem sentiu o cheiro da potassa e da tinta de impressão, na azafama da confecção da gazeta, aqui escrevendo-se o editorial, alli traduzindo-se os telegrammas, acolá fazendo-se a chronica e o noticiario, a palestra viva e scintillante das salas de redacções, — não pôde, ainda que o queira, fugir de vez a esta tentação diabolica exer-

cida com omnipotencia por folhas impressas!

Claro que ha intervallos de dias, mezes, mesmo annos. Mas n'uma bella noite, bella ou má, a gente insensivelmente se surprehende a escrever um artigo, uma chronica. Está, outra vez, no jornal! E' o mollusco cephalopode, o polvo, que nos arrasta, prende e subjuga.

Sabemos todos quão dolorosa e amarga é esta vida da imprensa. Em terras nacionaes, então... E, se de barbaros, ainda quizessemos minuciar uma, a do Norte... Mas, não. Nenhum de nós, que temos um passado de luctas, desconhece a engrenagem sempre a mesma e nem possui mais as illusões e as esperanças dos quinze annos em flôr. Mas, que fazer? Sentimo-nos impellidos por uma força extranha para o trabalho mortificante e inglorio que é este do jornalismo, e, certos de dissabores, de contrariedades, de injustiças, lá voltamos entregando-nos de corpo e alma á vida agitada e emmaranhada da imprensa moderna.

O que de bom e de máo tem a gazeta bem conhecemos nós. E pôde Fradique proclamar alto, em phrase triumphal, que a folha impressa é o «Juizo ligeiro, a Vaidade, a Intolerancia», que os jornalistas julgam homens e coisas «superficial, leviana e atabalhoadamente», que a gazeta é «uma massa espumante de juizos frivo-

los», que o «jornal exerce hoje todas as funcções malignas do defuncto Satanaz, de quem herdou a ubiquidade; e é não só Pae da Mentira, mas o Pae da Discordia», que o papel impresso é o principal senão o unico explorador da vaidade, «pois até o velho instincto da conservação cede ao novo instincto da notoriedade: e existe tal maganão, que ante um funeral convertido em apotheoses pela abundancia das corôas, dos coches e dos prantos oratorios, lambe os beiços, pensativo, e deseja ser o morto», emfim, o que quizer, que eu...

Ha dias um amigo, em palestra intima, interrogava-me, penalizado: «Então, disseram-me que voltas para a imprensa?» E, sem esperar resposta, n'uma catadupa de palavras justas, ajuizadas, incontestaveis: «Mas, não é uma tolice? O que tu vaes buscar sei eu: contrariedades, degostos, pezares, trabalhos, e meia duzia de desaffectedos. Tambem, eu já contava com tal: toda a vez que deixas um periodico dizer que é o ultimo, «definitivamente...» isto ha alguns annos e com oito ou nove gazetas! Afinal, já ha dois mezes estavas em descanso...»

Fazia-se tarde. Despedi-me ás pressas do amigo e, como diria o Eça, fui para o jornal, com delicia.

14, Outubro.

Ah! a reportagem como se faz hoje! Viva, surpreendente, inesperada, cheia de sensações novas, de detalhes estupefacientes, minúcia todos os factos, bisbilhoteira e ávida da nota escandalosa, que ha de emocionar o leitor curioso.

A noticia é agora a alma do jornal. N'esta epocha do trabalho, de pressa, em que a gente em algumas horas do dia tem multiplos e emaranhados negocios a tratar, a resolver, não ha tempo para se lêr mais do que a local gritante, o telegramma ou o artigo pequeno, quando muito pequeno.

E como a legião de *reporters* serve bem o publico! Como, pressurosa, dá os detalhes mais particulares do caso vulgar, deliciando-se com

a publicação de informes intimos e cartas ainda mais intimas...

O facto minimo é o pretexto amplo para detalhes. Nada escapa á argucia e á finura do *reporter* de hoje. Tudo elle sabe, tudo, e quando ha pouco, inventa para que a noticia appareça bem esfusiante e escandalosa.

Conta Fialho de Almeida que o duque d'Elchingem disse d'uma feita :

— Eu estimava bastante M. de Woestyne. Mas desde que o sei jornalista, começo a embirrar com elle.

E se Woestyne fôsse então um *reporter*...

A proposito de reportagem recorda-me uma anedota contada por um jornal parisiense, logo depois da morte de Villemessant, que tinha muito talento e espirito e que foi o fundador do *Figaro*.

Era no tempo do imperio, no reinado de Napoleão III. A proposito d'um duello Villemessant, testemunha, teve de ir dar o seu depoimento. Succedeu-lhe porém ter de esperar largo tempo, antes de ser convidado a entrar no gabinete do juiz encarregado da instrucção do processo, e impacientou-se.

— Previna ao juiz, disse elle ao continuo do tribunal, que, se elle não me chamar dentro de cinco minutos, eu volto para a minha redacção, onde tenho que fazer.

O juiz, que tinha ouvido tudo, irrompeu furioso, e disse-lhe interpellando-o bruscamente:

— O senhor tem de ficar aqui enquanto me aprover. Por acaso ignora qual é o poder de um juiz instructor? Se amanhã eu citasse o principe Napoleão, e elle recusasse obedecer-me, eu tinha o direito de fazel-o trazer até aqui entre dois soldados. Calcule, portanto, quaes são as minhas attribuições.

Villemessant, que tinha reconquistado a calma, respondeu modestamente:

— Pois bem, snr. juiz, se eu estivesse no seu lugar, não persistiria no seu projecto de fazer prender o principe Napoleão, que, no caso da morte do principe imperial, será o herdeiro do throno e que pelo menos é Senador, general de divisão e governador geral da Algeria.

— Estou vendo que não fui comprehendido, replicou vivamente o juiz. Eu quiz tão sómente recordar-lhe que, se quizesse fazer tal coisa, tinha poder bastante para isso.

— Afinal de contas, o senhor fará o que quiser, continuou fleugmaticamente Villemessant, mas prender assim o principe Napoleão é coisa muito grave!

— Eu, porém, nunca tive semelhante intenção.

— E, continuou Villemessant, quando o imperador souber que o senhor quer arrastar o

seu mais proximo parente pelas ruas da cidade entre dois soldados...

—Mas é inexacto, não ha tal! gritava o infeliz magistrado, com a cabeça perdida.

—Quanto a mim, não posso deixar de referir ámanhã aos leitores do *Figaro* o que o senhor acaba de me communicar; eu intitularei o artigo:

«PRISÃO PROVAVEL DO PRINCIPE NAPOLEÃO».

O juiz receiando algum escandalo, que viesse a prejudicar-lhe a carreira, fez immediatamente entrar o jornalista, para o seu gabinete, e assim que o interrogatorio terminou, acompanhou-o delicadamente até á porta, supplicando-lhe que não divulgasse a conversa que tinham tido...

18, Outubro.

UM causticante escriptor estrangeiro, de visita á minha Patria, escreveu esta phrase no seu livro de impressões: «No Brazil, mesmo os que não sabem lêr... fazem versos».

A par da ironia ha uma observação relativamente exacta. Os filhos d'este paiz são quasi todos poetas, ou melhor, cultivam as Musas. E é claro que ahi não me refiro aos verdadeiros poetas, áquelles que no Norte e Sul honram as letras nacionaes.

Fallo do bando que faz versos, dia e noite, chamado principiante. E' composto de mocinhos bem intencionados, muito distinctos, mas, como diria Camillo, «com uma negação decidida para as musas». Certo haverá um ou outro

que, com cultivo e tempo, ainda venha a fazer versos regulares... Mas, se a vocação é outra, para que contrarial-a?

Tudo isto vem a proposito d'um pertinaz que, de tres em tres dias, manda-me um soneto para publicar. Nem sei quantos já estão n'essa minha pobre gaveta, que outros denominaram do «limbo...» E, sempre, eternamente sonetos! E, sempre, eternamente ruins!

Quando, pela manhã de hoje, o correio trouxe a correspondencia, vi que havia carta para mim. Era *d'elle*, do meu, do nosso poeta! Não advinhei pelo cheiro, como Alberto de Oliveira conhecia, antes de abrir, a carta de amor... Mas, aquella *enveloppe* era tão minha intima! A letra miudinha, fina, delicada... como esquecer-a?

Abri. Ainda versos:

*«Rugia o mar silenciosamente
Quando Ella passou».*

Não, poeta. Que damno te fez o mar para o tratares assim? Elle rugia ou estava silencioso? Escolhe, amigo ou não amigo meu, uma das duas. O dilemma é cruel, bem o sei. Mas é preciso, é necessario — ouve bem, — é imprescindivel. Resolve.

Sabes o que me fizeste lembrar? Um caso

conhecido, lido algures e narrado por espirituoso chronista portuguez. Era o beneficio da Volpini, uma actriz de talento. Theatro cheio, repleto. Inesperadamente, d'um camarote, toma a palavra um taverneiro de nome Duarte, que andava doidamente apaixonado pela artista e, sem mais, berrou :

*Perolas de oiro !
Brilhante de marfim !
Oh ! sim !
O amor não se define
Adeus, Volpini !*

Um poeta, diz o chronista, que se achava na sala de espectaculo, não se podendo conter, replicou em meio da gargalhada do publico :

*Couves de batatas,
Cebolas de feijão,
Ai ! coração !
O amor é tomate
Adeus, Duarte !
Adeus, adeus !*

Não, amigo ou não amigo meu. Ou deixas o mar bramar ou ficar mudo... Escolhe.

22, Outubro.

FALLEMOS do teu livro, Jonas da Silva! Fallemos, n'esta pagina simples e sempre sincera, do *Uhlanos*, — o livro de versos fidalgos que entregaste ao publico e que, claro, é uma victoria como foi uma victoria a tua estreia com as *Amphoras*.

Li, reli diversos dos teus sonetos. E, não me acoimem de suspeito, de parcial, pela sympathia expontanea e desinteressada que te votei desde a tua apparição em letras; e, outros não me increpem de apaixonado, por não dissecar aqui, n'esta ligeira chronica que não é e nem tem pretensões á critica, os senões, os defeitos da tua obra, — que ella não é impecavel, extraordinaria, maravilhosa.

Deixo aos Romero, aos Verissimo, aos Araripe, a tarefa difficil e delicada. Que, para criticar, — critica como eu entendo, á Taine, — faham-me elementos principaes... Se bem que, n'este paiz, haja mais «criticos» que poetas e chronistas, contistas e romancistas, pois, na phrase d'elles, é mais commodo censurar que produzir.

Fechemos, porém, o parenthesis. Digamos algo sobre o *Uhlanos*.

Abre o bello volume um esplendido soneto, que emmoldura o retrato do poeta: a cabeça dentro d'um prato. A idéa, que é original e viva, palpita n'estes quatorze versos:

*O' Salomé das flores e alvoradas
Por quem sorrindo entrego-me ao cilicio,
Trago-te hoje a cabeça em sacrificio.
Deste S. João de trovas e balladas.*

*Tu, que longe dos paramos do Vicio
Fulges do Sol nas rutilas estradas,
Abre do riso as petalas rosadas
E darei por bem pago o meu supplicio.*

*Tristé de mim se apresentando a salva
Dos teus olhos á dupla estrella d'Alva
Pareça a offerta miseranda e louca...*

*Do desgraçado era a loucura tanta
Que ainda a espada cortando-lhe a garganta
Teu nome em festas lhe cantava á bocca.*

Jonas tem o verso sonoro, cantante. A gente lê com requintado prazer os seus sonetos. Advinha-se que é um consciencioso, um limador do verso, calmo e senhor da sua Arte.

O artista deve ser sincero. A obra que não fôr verdadeira não deve, não pôde ser realmente bella. E, d'ahi, as duas últimas partes do livro, *Vozes do Nada* e *Evangelho de um mau*, não terem para mim o mesmo valôr que a intitulada *Uhlanos*.

Não que o verso seja máu, não que a idéa seja falsa; mas, o leitor attento percebe, que, atravez de todas as increpações, das gargalhadas, do estylete que disseca, do sangue, do pús, dos cadaveres, — está um temperamento d'um bom, d'um justo que, para acompanhar a maioria dos de hoje, finge odiar, quer illudir dizendo-se um insubmisso, um revoltado, um máu!

E' o poeta quem lealmente confessa, n'estes esplendidos versos:

Alma finge que és má, sendo assim como as pombas.

E, fechando o mesmo soneto:

*...Pois que a tribu dos máus é tão grande e tão forte
Que é preciso ser máu para ser bom no mundo!*

Ha verdades amargas n'esta parte crúa, em que só de quando em quando vibra o lyrismo novo e sadio de Jonas da Silva. Seria d'um pessimismo amargo o poeta, á Schopenhauer, se ahi não fôsse falso, ou melhor, se a gente não percebesse que não estão na sua alma e no seu coração todo aquelle desespero e toda aquella raiva...

Exclama:

*E eis a vida afinal: surgir de um ventre
E sepultar-se n'outro ventre, a cova!*

Não! Eu prefiro o poeta das *Mazurkas*, com a sua musa *crystallina* á B. Lopes, — o poeta dos *Brazões*, quando diz em versos joeirados:

*Para engastar no meu verso
Essa que á gloria me anima,
Fico em delirios immerso
Ante os bazares da rima.*

.....

*A rubra côr dos morangos
Canta-lhe á bocca em sorrisos
Mil cançonetas e tangos
Com castanholas e guizos.*

O moço poeta tem a rima facil e a metrificacão sempre correcta. O verso é cheio, ás vezes sonoro como fanfarras, ou suave como pombas flaflando azas.

Se quizesse dizer n'esta pagina do meu diario os versos de Jonas que mais me deliciaram, pela idéa e pela fórma, teria de citar quasi todo o livro.

Arranco do *Uhlanos*, em despedida, este soneto, *No Palco*. E digam-me se é ou não um primor :

*De risonho perfil e de ondulados traços
Entra em scena a sorrir n'uns infernaes meneios ;
Traz ao collo a tremer os passaros dos seios
E nos hombros, desnudo, o marmore dos braços.*

*Ha da orchestra febril nos lubricos compassos
Desesperos de amor, incendiarios gorgeios.
Em choréas requebra o corpo em bamboleios...
Parece abrir-se o chão aos seus lascivos passos...*

*Se assemelha o recinto a uma sombria tasca
Onde reina do applauso a rispida borrasca...*

— *Mil Sultões tendo em frente uma escrava da Armenia !
A loucura, o furor de subito redobra
Vendo-a louca, de pé, — uma esquesita cobra
Febril, espinalando em contorsões de tenia.*

Uhlanos é um livro mais artistico que *Amphoras*, não tendo porém em todas as suas paginas a espontaneidade d'este. E Jonas, que na sua estrêa se revelou um bóm poeta, firmou agora com o seu segundo volume um nome no meio intellectual do paiz.

Ainda não fallei, no desalinhavado d'esta palestra, da parte material da obra e nem agrade-ci, o que faço, a dedicatoria honrosa d'um exemplar. Casa-se bem com o valor do livro a sua feitura: o trabalho artistico é um primor, que honrando a Arte nacional, logicamente distingue a typographia fluminense Leuzinger, que o editou.

O papel é excellente e os versos são emmol-durados em finissimas vinhetas multicôres. E, se faço reparo n'este ponto, é que os nossos editores são geralmente tão descuidados...

Uhlanos, como obra d'arte, deve figurar na estante dos nossos melhores intellectuaes, e, pelo primor da sua confecção, pôde tambem encontrar-se nas salas de gentis patricias...

29, Outubro.

UMA pagina sobre a vaidade. Dizem que ella é filha do homem. Do homem e da mulher. Deixemos aos psychologos a analyse da asserção e narremos o caso do celebre Balzac, contado n'uma revista estrangeira.

Ha uma phrase de Salomão, sobre uns tantos sentimentos, que anda ahi em palestras e gazetas... *Vánitas, vanitátum*. O gráo de verdade que ella encerra, não é para este capitulo despretencioso e ligeiro. Mas, vamos ao caso.

Quando Balzac visitou a Russia, n'um grande jantar em casa do principe Nicolau Nadylof, este notou que o eminente romancista gostára d'um prato, e, voltando-se para o creado que servia a mesa, disse:

— Serve outra vez ao snr. Balzac.

O creado, pasmo, de olhos desmesuradamente abertos, em vez de cumprir a ordem, deixou cahir a travessa, que se partiu.

— Que tens tu? interrogou rapido o principe.

— Perdoae, senhor, mas não pude evitar um momento de surpresa ao saber que tinha a alta honra de servir ao snr. Balzac.

— Mas, tu o conheces?

— Ah! senhor, tendo lido as suas novellas!

Dizia Balzac, no seu regresso, aos seus amigos de Paris, que nunca sentira tanta alegria e tanta vaidade... O seu nome era conhecido, vulgarisado no estrangeiro, n'uma terra distante, a Russia, pois até um simples creado lêra e admirara os seus livros!

... Annos passados, morria Nadylof e as suas *Memorias* fôram publicadas. N'um dos capitulos da obra conta, com muito graça e naturalidade, que quando Balzac visitou a Russia andava profundamente triste e impressionado. Indagando o motivo soube, por *madame* Balzac, que o eminente romancista via com desprazer e amargura que, na Russia, o seu nome passava despercebido, quando era admirado em toda a França...

O principe Nicolau Nadylof era um homem de espirito. E comprometteu-se com a esposa

do poderoso escriptor a tornar de bom humor o grande Balzac.

Assim, antes de ser servido o jantar que n'essa noite offerencia ao escriptor francez, chamou o creado de copa, um farçante intelligente, e preparou-o para a comedia tão bem representada...

E' ainda o fidalgo russo quem diz ter sido, d'aquella noite em deante, verdadeiramente encantador o orgulhoso Balzac, mostrando-se o homem capaz que era.

O creado esse recebia benevolas gorgetas do romancista illustre, que d'uma feita, dedicou-lhe um dos seus livros de novellas.

E, commenta deliciosamente o principe, o creado nunca lèra uma obra de Balzac, porque não sabia francez:.. «e a verdade é que tão pouco sabia lèr!»

Mas, desde que outros enchem esta pagina com anedocta interessante e eloquente, deixem que reproduza mais uma, talvez conhecida de muitos, mas, nem por isto, merecedora de esquecimento.

Victor Hugo e Lesseps encontraram-se, pela primeira vez, em casa de Bonnat.

O pintor celebre acabava o retrato d'um e ia começar o do outro. Hugo, no fundo do *atelier*, esperava que Bonnat encetasse a tarefa. N'isto entra Lesseps, falla alegre com o artista,

e cumprimenta ligeiramente o auctor d'*Os Miseraveis* que, indifferente, corresponde á saudação, como pessoas que nunca se viram.

O pintor, admirado da attitude de ambos, exclama :

— Como! Os senhores não se conhecem? Se houvesse dois, apresental-os-hia um ao outro, dizendo: «*Os dois sóes!*»

A essas palavras, Lesseps adianta-se com a mão estendida para o poeta, gritando:

— Hugo!

E Victor Hugo, respondendo com o mesmo movimento, exclama :

— Lesseps!

2, Novembro.

SINOS bimbam, dobrando a finados. Paira em toda a cidade uma grande e indefinivel tristeza. E' o dia dos mortos, que a tradição consagrou para o povo chorar, alma alanceada pela dôr.

Cantam e gemem os velhos sinos. Gente, vestida de preto, passa apressada para as grandes necropoles. As physionomias, estas vão tristes e acabrunhadas. Meninos sobraçam cestas de flôres, — enormes rosas abertas, entoando hymnos á vida...

...Flôres, sim, Filho meu que dormes o ultimo somno ha anno e meio, braçadas de flôres eu hei de levar-te hoje, e com ellas encher a pequenina pedra da tua sepultura, perfumando-a, pois se é certo que as rosas têm Alma, ellas não a terão mais pura e immácula, que a tua, Filho adorado e querido!...

TERCEIRA PARTE

AO AMIGO JOÃO BAPTISTA

AMORES...

(EXCERPTOS)

AGITADO e febril, Renato passeava. Cortava em meio a sua sala de rapaz solteiro, em largas passadas. Sentia-se impaciente, preso d'uma preocupação que abalava todo o seu corpo. Olhava o relógio de instante a instante: oito horas. E o bater monótono da pendula, surdo, desesperadamente regular, incommodava-o, aborrecia-o. E ainda tinha de esperar sessenta minutos, uma eternidade! Mas então para que marcara aquella entrevista ás nove horas? E na necessidade de se agitar, de tentar acalmar os nervos, andava d'uma a outra extremidade do aposento. Demorou-se, por momentos, junto á janella arriada tamborilando os dedos nos vidros embaciados. Chovia. Lá fóra, na rua, ca-

hia a agua, soprada pelo vento que vinha em lufadas, varrendo-a. Transeuntes retardatarios passavam abrigados por largos capotes, encolhendo-se debaixo dos chapéus, fazendo-se muito pequenos. Uma mulher, as saias arrepanhadas, corria, deixando vêr as pernas magras...

E no tumultar confuso das idéas que lhe borbulhavam no cerebro, revoltava-se contra aquella chuva impertinente que talvez fôsse adiar a entrevista. Mas não; o tempo havia de melhorar e *miss* Martha viria... E se não viesse, sim, elle iria a casa d'ella. Mas havia de fallar-lhe n'aquella mesma noite, dizer-lhe tudo, porque se sentia incapaz de mentir mais, de contrafazer-se, de tentar enganar-se para illudil-a melhor.

Rolou lá no alto um trovão. O ruido ao principio veiu forte, atemorizador; segundos depois era longinquo, muito longinquo... E Renato, desesperado, soltou a blasphemia facil que nós todos temos nos labios quando chega a menor contrariedade: — Diabo!

Ha duas semanas já que projectára aquelle rompimento. Mas na occasião de fallar a Martha sentia-se preso d'uma commoção extranha, remorso ou compaixão, não o sabia bem. Certo que aquelle viver era insustentavel, a sua continuação era um infortunio e um martyrio. E não seria mais leal, interrogava-se, romper fran-

camente com aquelles amores, do que illudila e torturar-se, representando uma comedia dolorosa para o seu coração?

Seria delicado, fallando com a razão, tendo palavras de agradecimento e amizade; mas, se ella não quizesse attendel-as, então, tornar-se-hia inexoravel, rigoroso, brutal se preciso fôsse.

Batiam nove horas no relógio. As pancadas surdas, elle ouvira-as bem: contára-as uma a uma. E quando estalou a ultima, correu á janella, abrindo-a. O tempo serenára: não chovia mais. A noite, ainda que escura, não era má; soprava um vento frio que fustigava ao de leve o rosto de Renato. Sentiu-se mais sereno, mais calmo, mais senhor de si. Olhou a rua ao comprido, em toda a extensão: ao longe viu as lanternas brancas d'um carro. Não podia despregar a vista dos dois pontos luminosos: advinhava, sabia que aquelle carro trazia *miss Martha*. E os dois fôcos, entrevistos ao principio, approximavam-se mais e mais, caminhavam em direcção a si, cresciam, augmentavam de intensidade.

Só quem nunca teve uma d'estas entrevistas, onde se tem de dizer á amante que o momento da separação chegou, é que não avaliará a commoção larga que se experimenta. Fica-se preso de sentimentos oppostos, desencontrados. Emmaranham-se os pensamentos, outr'

ora bem claros, bem lucidos. E por mais indifferente que se seja, ha um momento em que o coração falla mais alto do que o espirito...

O carro parara á porta. Saltára lépida uma mulher, enfiando pelo corredor a dentro. Ligeira, entrára na sala.

Renato foi recebê-la; era *miss* Martha. Vinha um pouco agitada, procurando dominar-se. Vestia de preto, um traço ligeiro, de mulher que vae repetir uma conhecida entrevista de amor.

Ella, pela tarde, recebera aquelle bilhete de Renato, pedindo-lhe que fôsse á noite em sua casa. E perdera-se em conjecturas, em divagações as mais desencontradas. O amante ia diariamente ao seu pittoresco *chalet*, situado no Redondo, pequeno arrabalde da cidade. Lembra-se, n'aquelles dois annos de ligação, de ter ido á casa de Renato quatro ou cinco vezes. E a ultima occasião, precisava bem, fôra em janeiro, e estavam agora em abril. O que seria? O que teria acontecido? Estaria elle doente? Teria algum grande desgosto, não querendo ir á rua? E as supposições multiplicavam-se, enevoando o seu espirito de mulher resoluta.

O certo é que Renato, depois de reflexão demorada, resolvera que a ultima entrevista fôsse em sua casa. Porque? E fazia-o por uma cobardia, por fraqueza do espirito, por falta de coragem. Elle, no *chalet* de Martha, sabia que

não seria forte, que não cumpriria a sua resolução. Todos os objectos d'aquella casa eram recordações para elle, e—tinha a certeza,—vendo Martha de *peignoir*, a chorar talvez, cahida para alli, á tóa, de lhe faltar o animo e de ser dominado pela compaixão. Em uma palavra, fraquejaria.

Renato dissera a *miss* Martha, tirando-lhe dos hombros a capa hespanhola:—Boa noite!

Não a beijou na bocca, como de costume. Martha apertára-lhe a mão, sentando-se na primeira cadeira, ao lado. Notára-o agitado, tentando dominar-se. Tinha o presentimento d'uma coisa má... E foi com voz velada que fallou:

—Está doente, Renato?

—Não.

—Mas tem alguma coisa? Uma noticia triste?

Que phantasia foi esta?

Fallava com voz pouco segura, accentuada de leve, ligeiramente, pelo sotaque estrangeiro que tinha.

Elle retrucou:

—Nada, minha amiga. Nem um capricho como julga. Uma indolencia para sahir de casa...

Mentia, na cobardia em que se refugiára para fazer aquelle rompimento. E sentia-se mais apprehensivo, mais atemorizado. Quizera que ella

o tratasse mal, um motivo, emfim, para fallar desassombradamente como planejára.

Cahira silencio embaraçoso e morno. Cortou-o a palavra de Martha:

— Não me beija, Renato?

— Sim, hei de beijar...

Soltára a primeira phrase que lhe viera aos labios, sem reflectir. Não viu quão pouco gentil e delicada era. Estava n'um torpor pezado, como que o pensamento alheio a tudo que se passava em redor.

Afinal, desejando acabar com uma situação que a encommodava, Martha interrogou:

— Mas o que ha? Fallas ou não, Renato?

Comprehendeu que o momento chegára. O silencio não podia continuar: ella advinhára que se passava algo de extraordinario no seu espirito. E n'um d'estes momentos de resolução decisiva, que têm de quando em quando os vacillantes, — momentos bem raros. sim! mas que quando vêm são impetuosos e cegos, — elle começou a fallar, soltando as phrases em turbilhões, baralhando as palavras.

Pegára-lhe nas mãos. E mais commovido do que desejava, concluiu:

— Ouça, Martha. Eu sou seu amigo, bem o sabe. Mas é preciso que falle lealmente, embora seja rude o que vou dizer. A nossa ligação não póde continuar. Estamos hoje acorrentados e

nada mais. Perdoe-me se a faço soffrer; mas para que a illusão? Hoje não sou mais um amante; um bom e verdadeiro amigo, sim... Separemo-nos, levando dos nossos dias felizes uma recordação grata para o coração. Quer? Consente? E ficaremos sempre, sempre, bons amigos.

Só então olhára para Martha. Pela vez primeira via-a com a physionomia séria, fechada. Ruga accentuada cortava em meio a sua testa; os labios tremiam, cheios de odio ou amor. Os olhos fixavam-se em Renato, muito abertos, irritantes.

O certo é que ella nunca presentira aquelle desenlace. Contava talvez com uma d'estas comedias motivadas pelo ciume, e vinha-lhe um começo de drama. Estava revoltada, os seus nervos vibravam todos. Afinal, ella, Martha Dawis, era despedida! Uma amante que elle teve, que saciou os seus desejos, que pagou, e que depois, farto, atirou á rua... Mas então tratára-a não como uma mulher, mas como uma caddella!

Estava de pé, as narinas a tremer. E fallou impetuosamente, sahindo em torrentes as palavras arrebatadas:

— Então, Renato, expulsa-me? O que quer dizer tudo isso? Dei-lhe um motivo, uma razão para este procedimento inqualificavel? E por-

que, sim, porque? Está saciado, não, fatigado das minhas caricias, enojado talvez dos meus carinhos? Naturalmente quer deixar-me para atirar-se aos braços de outra? Mas não será assim... — acabou com um riso de maldade a frizar-lhe os labios.

Agora Renato olhava-a bem de frente. Estava de pé, lado a lado com a amante. E sentia no intimo um odio surdo, prestes a explodir, contra aquella mulher. Não viu que ella fallava revoltada, despeitada, sem reflexão, pois que era despedida. Uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto, mas conteve-se ainda.

— Attenda, Martha. O que lhe vou dizer é brutal, mas prefiro não enganar-a. Escute: — eu não a amo mais (e illudia-a n'esse momento fazendo acreditar que a amára em dias idos). Para que fazemos esse sacrificio de vivermos juntos, quando o meu coração não bate mais por si? Seremos amigos, Martha. Não comprehende que será um tormento, um desespero, essa união forçada que quer impôr? Os prazeres fôram-se; hoje resta um monte de cinzas... Não queira espalhar-o, derramal-o. Guardemos uma bôa recordação das alegrias extinctas.

— E que me importa? retrucou. O que me poderá succeder? Mas o que faz commigo, Renato, não é sério, não é de cavalheiro! Não se lembra que quando fui para as suas mãos, eu

tinha-me ha pouco separado do meu marido, e que tinha um amante que me idolatrava, que satisfazia todos os meus caprichos, todas as phantasias? Deixei-o para ir viver comsigo, comsigo que hoje me expulsa! E não o amei sempre? E dei-lhe por acaso algum desgosto, algum d'esses motivos que obrigam o rompimento do homem com a mulher com que vive?

Renato estava revoltado. Via o desplante com que ella alterava os factos, servindo-se d'elles como uma arma. Não dissera que fôra ella que o chamára, por assim dizer, que o namorara, que o prendera. Elle deixára-se ir, lisongeado no seu amor proprio de homem novo. Não dissera tambem que elle, Renato, se oppuzera ao rompimento d'ella com o seu primeiro amante, prevendo uma ligação forçada, contraria a todos os seus planos de vida. Mas, sentindo-se amado, deixára-se ir, e ahi estava o resultado da sua sua fraqueza e da sua vaidade.

— Acabemos com isto, Martha. Não é decente estarmos a discutir, torcendo os factos. Já lhe disse e repito (accentuou com voz firme as syllabas): — separemo-nos e considere-me sempre seu amigo.

— E' a sua ultima resolução, Renato?

— Sim, a minha ultima resolução.

— Mas então está tudo acabado?

— Tudo.

Ella olhou-o do alto, como n'um desafio. Sentia o seu corpo agitado, a tremer. Atirara a capa aos hombros. E quando Renato veiu deixal-a á porta da sala, fallou, batendo o pé, como continuando um pensamento interrompido:

— Mas hei de me vingar d'essa mulher que m'o roubou...

Renato lançou-lhe um ultimo olhar e disse:

— Adeus, Martha!

— Boa noite! sibilou ella com voz entrecortada.

O moço voltára para a sala, estendendo-se ao comprido n'uma cadeira de viagem. Sentia-se cansado, o espirito fatigado. Rolou na rua um carro, abalando-a toda, fustigados os cavallos pelas vergastadas do cocheiro: era Martha que se ia. E como n'um sonho, Renato reenceitou os seus pensamentos, divagando na brutalidade com que se fizera aquelle rompimento.

Belém, 1900.

NA PLATÉA

(FRAGMENTO)

REPRESENTAVA-SE um drama emocionante n'essa noite. O theatro regorgitava de espectadores. A platéa tinha um bello aspecto feerico. Luzes em profusão, o olhar das mulheres, o borboletear dos léques variegados, o ar morno que pairava em toda a sala, as situações emmanhadas e acabrunhadoras da peça, tudo predispunha o espirito fraco a uma excitação nervosa irresistivel.

Do meu camarote binoculava aqui e alli, de relance. Acompanhava em pensamento o desenrolar d'esse drama que conhecia e que já tinha visto por actores diversos. Era uma pagina real, flagrante, cheia de surpresas e de contradictas, — vida que era.

N'uma das frizas, casualmente, o meu binoculo demorou-se mais, em direcção ao vulto d'uma mulher. Conhecia essa moça, bella como nenhuma, infeliz como poucas. Sabia a historia dolorosa do seu passado, tão cheio de sacrificios e tão cheio de angustias.

Atravez do vidro vi rolar uma lagrima pelas faces d'essa mulher. Volvi os olhos á scena. O quadro era triste. A protagonista do drama francez estava no chão, atirada, cheia de dôr, pedindo ao seu bom Deus consolo para as afflicções da alma, que lhe torturavam. Amava, amava doidamente; e fôra obrigada a casar-se, a sacrificar-se a um outro ente que lhe era indifferente, que repudiava no cadinho do seu coração!

Ajoelhada aos pés da cruz, ella resava. Pedia a Deus, voz lacrimosa, olhos annuviados, que a perdoasse por não amar esse marido que lhe tinham imposto e por quem padecia.

Outro drama desenrolava-se n'essa friza do theatro. Essa bella mulher que alli estava, typo do Norte, e que mal podia encobrir as lagrimas, tinha tambem uma historia cheia de máguas, como a outra que em scena dizia o papel decorado.

Corri o binoculo pela platêa procurando alguem. Lá estava, na quarta fila, aprumado e correcto, esse moço elegante que, impressionado

tambem pelo drama, commovido mesmo, olhava dolorosamente para a friza. Os olhares da bella patricia cruzavam-se, eloquentemente mudos, com os do cavalheiro.

São triviaes scenas como estas nos theatros. Quantas vezes o drama que se desenrola na platéa é mais assustador, mais horrivel, mais emmaranhado do que o do palco ! Quantas vezes lagrimas correm impetuosamente, ao relembrar a gente scenas que o theatro nos faz avivar !

Eu lembro-me bem da historia d'essa moça. No camarote, europada ricamente, com as joias finissimas a brilhar, no triumpho immortal da mocidade, ao lado do seu velho e trivial marido, o seu espirito por certo debatia-se entre idéas confusas, amargurada com esta scena que se passava no palco e que era um pedaço da sua historia de moça invejada e julgada feliz.

O moço que alli estava, a olhal-a da platéa, era um dos melhores amigos meus. Uma noite, n'um dos intervallos de espectáculo, elle contára-me os seus amores, as suas poucas alegrias, as suas grandes tristezas, — na confiança illimitada que dá a amisade.

Disse-me que amára, que amava doidamente essa mulher, esposa hoje d'um velho tolo e ridiculo. Esse casamento fôra obrigado, e narrou-me então as condições precarias da familia d'ella, sem pão e sem lar, pauperrima.

Elle, por si, n'aquella epocha, era um simples estudante, cheio de ambições, sonhando com a gloria e fazendo versos apaixonados. De seu, nada tinha. Com poesias e sonhos não se vive, — accrescentou amargurado.

Affirmou-me que essa moça, hoje na opulencia, casára-se obrigada. Elle pedira que essa união desegual fôsse uma realidade, afim de salvar a familia d'ella. Sacrificára-se na occasião, tendo não sei que esperança a bailar-lhe no cerebro...

A moça casou e elle partiu. E quando voltára, dois annos depois, em que procurou dia a dia esquecer a paixão funesta, viu-a mais linda, mais bella e então o seu amor recrudesceu, violento e impetuoso, forte e irresistivel.

Uma corrente attrahia-os. Elle sabia que o seu procedimento era incorrecto, era desleal. Mas, disse-me com um riso ligeiro a frizar-lhe a commissura dos labios, para que esse velho fôra casar com uma moça, para que veio postar-se de permeio entre ambos? Não sabia por acaso que a amava doidamente? Não sabia que essa paixão era de cinco annos, e que era feita de sacrificios e de dôres?

O resultado estava ahí. A corrente approximou-os; estavam atravessando essa vida de angustias, de vacillações, de surpezas, de cobardias, de «casal á trez».

E ambos não podiam esperar maior castigo. O phantasma d'esse velho que os acompanhava para toda parte, que estava com elles em todas as occasiões, era o remorso do crime practicado — crime a que desejaram, a que quizeram fugir, mas a que se submetteram como instrumentos da fatalidade, homem apaixonado e mulher fraca que eram.

...Continuava no palco a desenrolar-se o drama commovente. Alma torturada, alma alanceada pela dôr, a moça patricia chorava. O velho marido commovia-se tambem vendo o desespero em que estava a protogonista do drama. A artista, de joelhos, interpretando o trabalho admiravel do escriptor francez, pedia perdão ao seu marido pela falta commettida. Elle de pé, innexoravel e tremendo, repudiava-a, enxotando-a, — a ella que tinha feito ruir todos os seus sonhos de amor.

Vi tremer e cahir das mãos da moça o binoculo de madreperola. O marido, pacientemente, ajuntou o objecto. Attento seguia este drama da alma que se passava n'aquella frisa de theatro. As peripecias não me passavam despercebidas, não me escapavam. Seguia uma a uma as contracções do rosto da bonita filha do Norte. Ella chorava, abafando os soluços.

O velho marido seguia attentamente a scena capital do drama estrangeiro. Acompanhava

com interesse a situação, esperando o desenlace. E quando, no palco, o marido ultrajado, desesperado e louco, matou a sua mulher, o seu amor, a sua vida, esse pobre espectador, victima do mesmo crime, — olhou a sua companheira, dizendo-lhe com os olhos alguma coisa que a abalou...

A moça estremeceu e as lagrimas saltaram-lhe mais impetuosamente, na alta commoção que fazia vibrar todo o seu sêr.

E da platéa, admirado pelo trabalho do artista, o moço culpado batia palmas calorosamente...

Manáus, 99.

FELIZ!

TUDO era passado. Ella correra o véo do esquecimento, e só se lembrava agora da sua dôr, dos seus largos soffrimentos e desesperos, como uma coisa muito ramota, muito longinqua... Não era feliz, verdadeiramente feliz? Elle não lhe tinha, ainda n'aquella noite recente do baile, — *21 de maio*, recordava-se bem! — declarado o seu amor, como a queria, como a estimava, idolatrando-a? Não balbuciou toda a historia da sua paixão, — que sentia d'essa vez sincera, dissera na ingenuidade que traz o primeiro sentimento verdadeiro, — todas as suas vacillações, toda a desconfiança e temor ao supôr que bem podia ella amar a alguem?... Não lhe disse que apesar do riso que trazia nos

labios, e da indiferença com que se forrava, era infeliz, sempre tão injustamente malsinado, tão odiado, quando se sentia bom, quando tinha convicção da sua consciencia estar tranquillã? Não lhe fallou Renato emocionado, pedindo-lhe para que não o julgasse pelo seu passado de salão, e para que não fôsse má para elle, para elle que tinha encontrado emfim a sua «segunda alma?»

Sim, sentia-o bem, elle amava d'esta vez, cançado das pequenas luctas das salas, fatigado dos sorrisos forçados e palavras cheias de amor ditas indifferentemente, com o pensamento muita vez longe, para o além... Era sincero quando lhe fallára, quando lhe dissera as phrases de paixão que revivia agora, entrecortadas, inacabadas. Acreditava em Renato, sim, acreditava-o, — mesmo porque o amava, e tudo que nos vem da pessoa amada nos parece sincero, nos parece real, nos parece veridico.

E Maria ficára para alli, abstracta, olhar espraçado no espaço, a sonhar, divagando no seu amor. O trabalho que fazia, um modesto trabalho de agulha, rolára do seu collo, cahindo ao chão. Na sala de jantar, recostada na cadeira de vime, a sua predilecta quando costurava, pensava n'um futuro perto, não mui distante... E o sonho continuava, accentuando-se, avolumando-se.

As tristezas quasi sempre têm largas conso-

lações. O lenitivo parece que se appressa a chegar, e as horas de infortunio, os momentos de lagrimas são logo esquecidos, como que se apagam da memoria. Uma sombra que passou, para motivar a alegria, para tornal-a mais viva, mais cheia de prazer.

Occasiões ha, quando atravessamos estes momentos tão cheios de psychologia, que os objectos mais usuaes, mais vulgares, são olhados então com estima, com amor, — recordações que correspondem ao estado da nossa alma...

— Em que pensas, Maria?

Esta voz bem amada e bem conhecida fel-a estremecer. E, attenta já, respondeu sorrindo:

— Em nada, minha mãe.

Aos olhos perspicazes da velha senhora não tinha passado despercebido o estado d'alma da filha querida. As mães, essas, nunca se enganam. Ella notára, desde ha dias, precisamente quando houvera o sarau da casa das Mello, a mudança de Maria. A's vezes ficava para alli horas inteiras a sonhar com os olhos abertos, sem um gesto, sem uma palavra. E já via sua filha querida, tão concentrada outr'ora, a rir por um nada, por uma observação, a tagarellar ás vezes, cantando trechos de operetas facetas, pontuando o final dos estribilhos com gargalhadas joviaes... Os soffrimentos escondem-se, mas a alegria, essa, é impetuosa, ardente, co-

mo que precisa de ar, de luz, de espaço, parece que da certeza dos outros saberem que ella existe, que ella não é uma ficção.

A veneranda senhora sentou-se ao lado da filha. Queria saber, quèria talvez uma confidencia que não ousava pedir.

— Ouve, Maria, tu não és uma creança, és uma mulher; occultas-me alguma coisa que se passa em tua alma, e quem sabe se em teu coração? Não tens confiança em tua mãe? Falla, Maria...

Sentiu-se tomada de surpresa. Nunca esperára aquella interrogação, e ella vinha de sua propria mãe, precisamente quando pensava no seu amor. O que fazer? As idéas tumultavam-lhe no cerebro, baralhavam-se. E obedecendo aos impulsos do coração, começou a soluçar baixo, baixo...

— Mas, então, soffres, Maria?

— Oh! não minha mãe! E' que sou feliz, sou muito feliz...

E no desejo da confidencia, natural em todo aquelle que ama, obedecendo a um impulso proprio, expontaneo, querendo o conselho ou desde logo a approvação d'aquella que era a sua mãe, soltou a torrente de palavras ha muito contidas. E recordou todo o seu viver passado, os dias de amargura e de dôr, cheios de desespero, em que ella duvidava de tudo, — até o dia

d'essa festa que lhe trouxe a declaração do homem que idolatrava.

— Mas agora, mãe, sou feliz, porque elle me ama, porque elle me ama! — murmurou em voz commovente e sincera.

Ambas, mãos enlaçadas, choravam. E que quadro encantador era esse, quasi confundidas as duas cabeças, — uma de cabellos negros, outra de cabellos brancos, — a soluçarem as duas mulheres, respirações entrecortadas, tocadas do mesmo sentimento do amor, d'esse grande amor profundo e vencedor, combatente eterno e victorioso de todas as luctas.

Cahia suavemente o crepusculo, dando uma nota commovente áquella scena intima, de familia. E Margarida, a velha e respeitada senhora, disse ao ouvido da filha, como se temesse que as suas palavras fôsem ouvidas:

— E quem é esse que tu adoras tanto? O seu nome, minha pobre Maria?

— Sim, minha mãe, ha de conhecê-lo. E' tão gentil, tão fallado, tão bom... E' Renato de Mesquita, mãe.

Margarida olhou profundamente para a sua filha e apertou-lhe mais as mãos, que conservava entre as suas. A moça assustada, interrogou:

— Mas ha alguma coisa?

— Oh, não! disse a velha, socegando-a logo. E' que Renato tem fama de ser tão voluvel...

Maria interrompeu-a com um gesto largo. Que não fôsse adeante, pedia. Ella sabia que Renato era voluvel, mas agora, tinha a certeza, não o era mais. Elle mesmo dissera-lhe n'uma confidencia ingenua, que o fôra no passado, mas que a amava verdadeiramente, para sempre.

A mãe da Maria, commovida, beijou-a na testa. E ciciou-lhe ao ouvido, manso:

— Sê feliz, minha filha, sê muito feliz...

.....

Manãos, 1900.

A CARTA ANONYMA

(EXCERPTOS)

... **N**'AQUELLA noite elle entrára em casa abstrahido. A mulher, a loira Zulmira, esta dormia tranquilla e serenamente.

Junto ao grande leito esteve a olhal-a, procurando lêr, tentando adivinhar nas linhas do seu rosto toda a verdade tremenda que lhe annunciava a carta anonyma da tarde.

Cartas anonymas, disséra muita vez em palestra amiga, só mereciam desprezo. Era a opinião que tinha ha muito, sobre esta cobardia humana. Mas alli estava, ha horas, com uma nas mãos, annunciando-lhe a infamia. Desejava, queria, precisava esquecel-a. Mas, como nodoa inapagavel, lá estavam as palavras, as lettras, a dançar macabramente ás suas vistas.

Seria verdade? Eis a interrogação fatal a perseguil-o. E se fôsse... Mas não, não podia ser. Zulmira amava-o, era a companheira de pezares e alegrias. Invejas de sua felicidade.

A duvida, entretanto, continuava a dominar o seu espirito conturbado. Todas as suas idéas ruíam, n'uma derrocada absoluta, sobre as cartas anonymas. Uma, uma só bastára para lhe amargurar toda a existencia.

A vida é assim. Todos têm uma theoria para cada facto, para o caso do dia. Mas quando o golpe fêre fundo são abandonadas as mais aca-ciadas theorias.

E porque, se verídica era a carta desconhecida, ella commettêra a falta? Se o seu casamento fôra por amor, sem interesses de outra especie?! Se ella tinha tudo, se nada lhe faltava?

Logo que recebera a missiva da desgraça, no *Club*, tivera um assomo de indignação, mixto de revolta e desprezo. Infamar Zulmira, a melhor, a mais dôce, a mais fiel das companheiras? E, enojado, atirara a carta ao chão, despedaçára-a... Mas, depois, viera a duvida, que não mais o deixára, que o empolgára. Se fôsse exacto?

E, miseravel, indignado comsigo, juntou, pedaço a pedaço, a carta horrorosa. Collou-a, para lêr melhor. E, durante largo tempo, teve

o prazer da dôr, gosou-o, revolvendo a ferida aberta que gottejava, que sangrava.

Não, não era possível. Zulmira, tão bôa, tão socegada tão bella e amorosa... Não, era uma calúnia.

Mas a denuncia não o deixava, não o largava mais como se fôsse polvo de cem garras. E via, precisamente via, as palavras cabriolar, e ouvia as gargalhadas de escarneo, de dô, de compaixão.

Procurou reunir factos, colligir coincidencias. Nada. Mas a carta era clara, precisa, devastadora. Dizia os dias, a hora... E marcava o nome do seu a traiçoador, um amigo, — sempre, eternamente um amigo!

E se fôsse espionar? Porém, não, seria a suprema das cobardias? Elle, espionar a sua mulher? Depois, tudo era mentira, calúnia, inveja...

Os minutos passavam. Indeciso, deixava-se ficar para alli, no salão áquella hora deserto do *Club*, pensando, tomando resoluções absurdas, extravagantes. O que faria?

Nada, absolutamente nada. A missiva mentia. E valia mesmo a pena ter uma explicação? Dar um grande, um inesquecível desgosto a sua mulher? Provar, afinal, que desconfiava d'ella?

Era tarde, a noite ia alta. Consultou o re-

logio: uma da madrugada. E, despreoccupadamente, na força do habito, tomou o chapéu e, rumo de casa, sem se apressar, foi indo. As idéas baralhavam-se, estava como n'um torpôr.

Em casa, subiu, tacteando as escadas. Ia aparvalhado. E só quando entrou na alcôva, quando viu no leito a sua mulher, foi que lhe lembrou nitida a grande desgraça.

Olhou-a, braços cruzados. Zulmira dormia, a respiração socegada. Os cabellos espalhavam-se pelos travesseiros. Era bonita, um esplendido typo de mulher.

Não, não podia ser uma criminosa. E, alli, á beira do leito de amor, foi recordando uma por uma, as felicidades extinctas, acabadas talvez para sempre. Lembrou, em solilóquio, o seu noivado, as alegrias todas dos primeiros mezes... Os encantos, os carinhos, os seus cuidados e as suas carícias.

As palavras sahiam-lhe em borbotões, descontraídas, atabalhoadas.

Depois, a carta. E, como que sentindo prazer em revolver o estylete na ferida aberta, tirou o papel amarrotado da algibeira e releu-o. A mesma miseria, — a sua mulher, a vil, enganava-o... E, alli, na luz esbatida do quarto, Zulmira dormindo serena no grande leito de amôr, elle viu, na allucinação que o começava a dominar, na loucura que se apossava de todo

elle, o amigo abraçal-a, á sua mulher, beijar aquella carne feita para seus beijos, ouvindo talvez o larapio da sua honra as mesmas palavras de idolatria ditas nas melhores noites de felicidade.

Foi n'um momento. Louco de amor, louco de ciumes, zelando a sua honra, o seu nome, todo um passado de brio, de honestidade, atirou-se sobre o corpo adorado, e, com as mãos ferreas, apertava-lhe o pescoço, comprimindo-o, matando-a na grande obra de vingança...

Ella accordou, sobresaltada, pasma, aterrada. Quiz gritar. E quando cravou os seus grandes olhos nos do marido, este, desgraçado, cego pelo amor e pelo odio, apertava-a mais e mais entre as mãos.

...Mas o filhinho, uma loira creança de um anno, despertado pelo rumor, chorava. E foi só então que elle se lembrou que tinha um filho...

Por uma força extranha, as suas mãos abriram-se, deixando rolar no travesseiro a cabeça querida.

D'um salto, a mulher ajoelhou-se a seus pés, chorando baixo, beijando as suas mãos, murmurando:

— Perdão!

Era a verdade, a confirmação plena da denuncia. A carta anonyma tinha a sua victoria. Zulmira era uma zabaneira.

Matal-a? Mas, para quê? Sim, para quê? Ella era uma barregã, uma perdida. E vingaria a sua honra, a sua dignidade? Não iria fazer da criminosa uma victima?

A creança continuava a chorar. E elle, tomando o pequerrucho no braço, n'uma calma apparente que o filhinho inconscientemente lhe déra com as suas lagrimas, expulsava a mulher de casa, do seu lar, gritando-lhe, apontando-lhe a rua com o braço estendido, tendo na voz e no gesto todo o odio e todo o desprezo humanos:

— Vae-te, cadella!

Mosqueiro, novembro, 1901.

VIDA REAL

N'ESSA noite representava-se *Os palhaços*, de Leoncavallo. A elegante sala de espectáculos regorgitava de espectadores: nas primeiras filas de cadeiras os *dandies*, de rubra flôr á lapella, casaca e luvas, binoculavam os camarotes. Aqui e alli um mais requintado entalava o monoculo fazendo o desespero do burguez enricado e farto.

Toda a sala, esplendidamente illuminada, tinha um aspecto feerico. As lampadas multicôres, offerecendo cambiantes diversos, as pinturas destacadas em tons vivos, os cavalheiros no *chic* e na suprema elegancia, o *odor di femina* a pairar em todo o grande salão, e, como um enorme *bouquet* de tulipas raras, pintalgando os

camarotes, o bando gracioso de senhoras e senhoritas, formosas todas, fazendo faiscar as joias finissimas, o oiro e os brilhantes, trajando as sêdas lavradas e pompadourescas, deixando vêr os decotes suaves, — tudo fazia com que os nervos se impressionassem, que houvesse uma atmospherá, se possível fôsse, de prazer e de luxo rebuscado.

O espectáculo ia em meio. Já os applausos tinham reboado, choviam as palmas e os *bravos*. Os artistas, estes eram de alma e coração, e interpretavam com a naturalidade nata nos grandes devotos da Arte, toda a musica emocionante, todas as palavras vigorosas da opera sansacional creada pelo genio estupendo do maestro italiano.

A platéa vibrava.

*

* *

...Foi quando Clarisse entrou, pelo braço do pae, no seu camarote de primeira ordem. A sala toda voltou-se e os binoculos assestaram-se, alvejando a patricia gentil. Alta, esbelta, graciosa, com o *chic* da mulher elegante, d'esse moreno-roseo que faz o encanto das filhas do

Norte, Clarisse prendia os olhares, attrahia-os involuntariamente, como a chamma os pequenos insectos.

Era a nota da suprema elegancia e da suprema belleza. Os seus grandes olhos buliçosos, os seus pequenos dentes perolados, a bôcca feita para beijos—beijos de amor,—a cutis finissima e avelludada, os cabellos negros como a noite sem luar, a linha desenvolta e nobre de todo o corpo, as fôrmas triumphaes de mulher, cheia de vida,—tudo fazia com que os adoradores se multiplicassem, os admiradores apparecessem dia a dia e os apaixonados e pretendentes esses surgissem em enxame.

Educada mestriamente, cultivando as bellas-artes, pintora eximia, violinista de vocação rara, pianista emerita, com uma larga e apurada educação social, fallando bem a sua lingua nativa, o francez, o inglez, o italiano,—a bella patricia tinha uma finissima educação de salão, sem os tolos preconceitos d'um meio acanhado e estreito.

N'essa noite de gala e de pompa trajava uma riquissima *toilette* de sêda clara, enfeitada de flôres naturaes,—um grande ramo que pendia da cinta delgada e esbelta. Na cabeça, luzidia, uma joia filigranada, faiscante e original.

Quando ella se sentou, graciosa, houve ainda um murmurio de admiração em toda a sala.

*

* *

Ia em meio a opera magistral de Leoncavallo. No tablado do palco um artista distincto representava, fazia reviver o verso sonoro do poeta illustre. E, a fallar á platéa, Clarisse via o desgraçado palhaço, o misserrimo *clown* extravasar todo o seu desespero, todo o seu odio, toda a grande e incommensuravel dôr que lhe torturava o coração.

Ride! gargalhava no palco o inditoso saltimbanco. *Ride!* sim, que elle precisava desempenhar o seu papel de histrião, de homem obrigado a fazer rir as massas, a uma platéa inteira e exigente.

Que importava ao publico as suas lagrimas, toda a sua dôr, o seu immenso desespero?... Era palhaço; não tinha direito de chorar.

...E Clarisse, n'um estado psychologico afflictivo, ia recordando um a um todos os episodios do seu amor doloroso, do seu grande amor infeliz,—emquanto o artista, no palco, fazia vibrar todo um publico selecto.

Ride! E ella tambem, moça, bonita, educada e rica, cercada da felicidade na opinião de todos,

muita vez chorava, na sua alcova elegante de moça solteira, pelo Amor desgraçado que a victimára, — porque ella tinha dado toda a sua alma, todo o seu coração de virgem a um homem que não lhe podia pertencer, que nunca poderia ser seu!

E esse a quem ella distinguira tanto, involuntaria e ingenuamente, habituára-se tambem a amal-a, a idolatral-a, e aos poucos, insensivelmente, apaixonára-se. Bem sabia que a felicidade, as alegrias communs, não se tinham feito para elles, e, torturado, tinha prazer em revolver a ferida aberta, que ainda gottejava, que gottejaria sempre.

Era a grande e eterna desgraça. E, como na opera de Leoncavallo, como o personagem d'*Os palhaços*, ella e elle tinham de rir, de rir eternamente, enganando toda uma sociedade assim como o *clown* illudia a todo um povo.

*

* *

Morria a opera. Já o publico se levantava, pressuroso. As palmas redobravam, os *bravos* succediam-se. E quando, em scena, se disse a grande phrase final, de largo effeito artistico —

La commedia é finita! — Clarisse, levantando-se, deixou cair o olhar em alguém que, na platéa, fitava-a ardentemente...

E' que, para elles, a comedia ainda não tinha acabado.

Manãos, abril, 1902.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

	Pag.
<i>Jornaes e jornalistas.</i>	13
<i>Um escriptor</i>	21
<i>Religião & C.^a.</i>	29
<i>Theatros</i>	37
<i>O premio Deutsch.</i>	43
<i>Um livro de versos</i>	49
<i>?</i>	57
<i>A lição dos boers.</i>	65

SEGUNDA PARTE

<i>O meu jornal</i>	71
-------------------------------	----

TERCEIRA PARTE

<i>Amores</i>	101
<i>Na platéa</i>	111
<i>Feliz!</i>	117
<i>A carta anonyma.</i>	123
<i>Vida real</i>	129